



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

RITA DE CÁSSIA COSTA DA SILVA

**LARANJAS DOCES TAMBÉM AZEDAM: A
TRAJETÓRIA DE VIDA DE FRANCISCO BARONI
(1884/1955)**

NOVA IGUAÇU - RJ

2013



RITA DA CÁSSIA COSTA DA SILVA

**LARANJAS DOCES TAMBÉM AZEDAM: A
TRAJETÓRIA DE VIDA DE FRANCISCO BARONI
(1884-1955)**

Monografia apresentada ao curso de História como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado em História do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^ª Dr.^a. Graciela Garcia

NOVA IGUAÇU - RJ

2013



RITA DE CÁSSIA COSTA DA SILVA

**LARANJAS DOCES TAMBÉM AZEDAM: A
TRAJETÓRIA DE VIDA DE FRANCISCO BARONI
(1884-1955)**

Monografia aprovada em _____ de _____ de 2013, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Profª Drª Graciela Bonassa Garcia

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)
(Orientadora)

Prof Dr José D'Assunção Barros

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)
(Avaliador convidado)

Profª Drª Lúcia Helena Pereira da Silva

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)
(Avaliadora convidada)

NOVA IGUAÇU - RJ

2013



Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço ao supremo Deus, em todos os seus nomes e manifestações. Pelo desejo de viver e de lutar por um futuro melhor, que Ele me concede todos os dias. Toda honra e seja dada somente a Ele.

Depois agradeço aos meus pais, pessoas simples, mas honestíssimas e batalhadoras. Minha mãe, mulher de garra, “uma mulher que batiza”, que me ensinou a arte da liderança, muitas vezes pensei em desistir, mas foi por ela que permaneci. Ao meu pai, trabalhador de sol a sol, a alegria em pessoa, me ensinou que a vida pode ser boa, mesmo sendo simples.

Em terceiro lugar, mas não menos importante, à pessoa que me incentivou desde o começo para a realização desse trabalho, dizendo que seria algo muito interessante e relevante para a história local, o primeiro a abrir meus olhos para as hipóteses iniciais, meu esposo. Obrigada meu grande amor por me ajudar em tudo, tudo mesmo. Pelas vezes que visitou a redação do Correio da Lavoura e me ajudou com as pesquisas, mesmo não podendo respirar tanta poeira devido à sua alergia. Por abdicar das suas obrigações para ser meu motorista particular nos mais variados roteiros. Pelas refeições, lanches e cafés, que me serviu tão gentilmente, quando eu não tinha tempo nem ao menos para prepará-los. Pelas palavras de encorajamento diante das dificuldades. Por me aproximar da família Baroni, ainda que por força do acaso. Por ser esse companheiro e amigo de todas as horas. Por você e pela a minha mãe eu tenho a obrigação de “chegar lá”!

Agradeço imensamente à minha querida orientadora Graciela Gracia, mulher de fibra, sempre envolvida nas lutas da universidade e nas questões sociais como um todo. Um referencial de docente militante e de uma pessoa linda por dentro e por fora. É impressionante como ela sempre está envolvida em tudo, quase um ser onipresente. Obrigada e desculpe por qualquer transtorno. Adoraria ter passado mais tempo com você.

Agradeço à minha irmã Deise, por me mostrar um dia a historiadora que eu estava me tornando ao explicar para ela sobre Revolução Francesa em apenas dez minutos e, logo depois ouvir: “foi a melhor aula de Revolução Francesa que já tive”. Por ser uma irmã de sangue e de lutas. Saiba, irmã, que nenhuma batalha é em vão. A gente nasceu para vencer!



Aos meus irmãos: Dinaura e Daniel. Saibam que a família sempre será a minha base e tenho que muito orgulho de vocês.

Às minhas sobrinhas, Isabelle e Sophia, pelos momentos de descontração durante as pesquisas.

Aos meus sogros: Elizabeth e Ezequias, por me enxergarem maior que realmente sou.

Agradeço imensamente aos professores que tive ao longo da graduação. Saiba que me sinto honradíssima por ter me formado com a ajuda de grandes nomes da nossa historiografia. Cada um de vocês fez uma grande diferença na formação de uma pessoa que não tinha nenhuma perspectiva intelectual. Hoje, sinto-me destemida para prosseguir na carreira acadêmica (quem diria?). Obrigada por me mostrar que a história é bem mais que uma simples disciplina, mas sim um ensino para a vida.

Ao professor substituto da disciplina: Historiadores e o Brasil Escravista, Nielson Bezerra, pelo contato mais pessoal. Por se tornar mais que um docente, um amigo. Por acreditar em mim e enxergar uma capacidade que até hoje estou tentando ver. Pelas direções oferecidas para esse trabalho via “facebook”, direto do seu Pós-Doutorado, no Canadá. Um exemplo de historiador da Baixada Fluminense que saiu de Belford Roxo direto para o mundo. Aliás, depois de me formar quero uma rodada daquele vinho da Borgonha novamente!

Aos colegas, mais chegados da academia: Beth, Camila, Carla, Jaqueline, Marcelo Botelho, Rogério, Thiago (Gerê), Eduardo, Rodrigo, Hanã, Samanta, Suelane, Viviane, Sebastian, Jorginho, Michel (boné), Maicon, Marcelo, Michel. Agradeço pelas trocas de idéias, pelas risadas nos corredores, pelo apoio quando eu pensei em desistir por não conseguir conciliar o estudo com o trabalho. Obrigada por suavizarem as mazelas de um curso de história noturno.

Ao coordenador do PIBID, projeto da Capes do qual faço parte, Professor Jean Rodrigues. Por oferecer a oportunidade de trabalhar com a história da Baixada Fluminense em duas escolas locais. Por fazer desse projeto uma constante aprendizagem de prática docente mais moderna e lúdica. Bem como, aos colegas bolsistas: Paula, Manoel, Lígia, Amanda, Daniel, Guilherme, Prof. Marcos, Sr. Luiz, Fábio, Larissa e tantos outros que por lá passaram, por auxiliarem na elaboração de uma história da Baixada que pareça mais atraente às crianças.

E, fechando com chave de ouro, agradeço a família Baroni, por terem me acolhido tão prontamente. À Sonia Baroni, por se interessar tanto pela memória da sua

família e pelo seu trabalho de preservação da documentação do seu avô Francisco Baroni, obrigada mesmo, a senhora foi uma grande contribuidora desse trabalho. À Renata Baroni, pela ponte com a Dona Euridice. À Raquel Baroni, pelas suas intenções desse trabalho ganhar proporções maiores. À Kátia Baroni, a primeira a ser entrevistada, (diretamente de Londres, via e-mail). À Dona Euridice Soares Baroni pelas entrevistas tão gentilmente cedidas nos seus 98 anos de vida e, à Dona Lucília Baroni, por auxiliar e permitir essa tarefa. À própria Iracema Baroni, pelas entrevistas concedidas e pelos livros, que deram início a todo o trabalho. Ao Fleura, à Érica, à Dona Lúcia, por colaborarem mesmo indiretamente, fazendo as pontes com as pessoas chaves a serem entrevistadas. Enfim, a todos os componentes da família que de alguma forma me ajudaram na elaboração dessas páginas, saibam que o ofício do historiador, tendo vocês como auxiliares, ficou infinitamente mais brando.

[...] o biógrafo lida com o passado, e um passado morto, faz a autópsia de um morto; não para dissecar o corpo, para falar das vísceras, dos membros, das feridas, mas para reanimá-lo, trazê-lo outra vez à vida, ressuscitá-lo e lhe emprestar uma nitidez que, na verdade, ele nunca teve. [...] E a que se espera é que essa vida escrita que o biografado oferece ao leitor seja muito mais precisa, direta, sem simulações, objetiva do que a vida real, a vida vivida pelo biografado. Pode haver, eu pergunto, atitude mais onipotente? Pode haver, também, verdade mais enganosa?

José Castello, carta a um jovem biógrafo



Resumo

Essa monografia aborda a biografia de Francisco Baroni (1884/1955), um destacado produtor e exportador de laranja da cidade de Nova Iguaçu no início do século XX. Para a sua elaboração, partiu-se do princípio da redução de escalas para a observação de processos e relações, comum aos estudos da micro-história, sem os quais seriam pouco vistos numa investigação macro-estrutural. Pretende-se através desse trabalho monográfico, abordar a vida desse ator social, sua chegada à cidade de Nova Iguaçu ainda na infância, até se tornar um dos homens mais influentes da cidade. O presente trabalho, busca também contribuir com a inserção da região política da Baixada Fluminense nos debates acadêmicos, o que vem ocorrendo, porém ainda de forma insuficiente.

Palavras chave: Biografia – Micro-história – História-oral.



ABSTRACT

This monograph discusses the biography of Francisco Baroni (1884/1955), a leading producer and exporter of orange city of Nova Iguaçu in the early twentieth century. For its preparation, we started with the principle of reduction scales to observe processes and relationships common to the study of micro-history, without which little would be seen in a macro-structural research. It is intended through this monograph, addressing the social life of this actor, his arrival in the city of Nova Iguaçu in infancy, becoming one of the most influential men in the city. The present study also seeks to contribute to the integration of the region's political Lowlands in academic debates, what is happening, but still insufficiently.

Key words: Biography - Micro-story - Oral history.



Sumário

Introdução.....	11
Capítulo I: PANORÂMA A RESPEITO DO GÊNERO BIOGRÁFICO.....	16
1.1 A prática biográfica na atualidade.....	19
Capítulo II: DA ITÁLIA PARA NOVA IGUAÇU, A QUESTÃO IMIGRATÓRIA.....	27
2.1 Uma nova vida se inicia.....	33
Capítulo III: A CONQUISTA DE NOVA IGUAÇU: CITRICULTURA E EXPORTAÇÃO.....	39
3.1 Francisco Baroni dentro da “sociedade laranjeira”.....	45
3.2 As laranjas doces azedam no fim.....	53
Considerações finais.....	57
Fontes.....	59
Bibliografia.....	60
Anexo I	63
Anexo II.....	64

Introdução

As possibilidades desse trabalho se iniciaram numa hipótese que foi refutada. A princípio pensei na possibilidade da família Baroni ocupar o topo da pirâmide social da cidade de Nova Iguaçu até os dias atuais e, manter, desde tempos longínquos, a tradição do agronegócio. Isso por que, ao conhecer um membro da família Baroni¹, que tem como patrimônio a empresa Grafino LTDA, imaginei que tal empresa fosse proveniente do lado família em questão. Contudo, logo depois descobri que essa empresa é vinda do outra ramificação familiar dessa pessoa, nada tendo a ver, portanto, com os Baronis.

A hipótese foi desfeita, mas o desejo de analisar mais de perto a trajetória dessa família na cidade permanecia. Foi quanto tive contato com as obras da filha de Francisco Baroni, Iracema Baroni, nas quais se podia encontrar o saudosismo de uma Nova Iguaçu que não volta mais, além de relatos da imigração do pai e nuances da sua empreitada na cidade. Os livros dela são interessantes por serem escritos por uma cidadã apaixonada pela cidade, contudo, sem formação acadêmica, além de serem repletos de cunho poético, o que atraiu minha atenção ainda mais. Além disso, havia contido neles a trajetória de Francisco Baroni, imigrante pobre que arduamente chegou à posição de exportador. Assim, o interesse de pesquisa, foi transportado de toda uma família para a história de vida daquele homem.

Junto a isso, iniciei a caminhada no PIBID Programa Intitucional de Bolsa de Iniciação à Docência, o qual ofereceu a oportunidade de trabalhar mais de perto com as questões relacionadas à História da Baixada Fluminense, campo que já era de interesse desde a descoberta da sua existência. O programa é realizado em instituições de ensino públicas locais e, o grupo trabalha ensinando aspectos da história local a alunos do sétimo, oitavo e nono ano do ensino fundamental. Nele, pude dedicar-me não apenas em conhecer a história de Nova Iguaçu como a transmitir para as gerações atuais. Trabalho que é realizado com zelo, tratando-se de crianças sem noção de construção histórica. Essa experiência acrescentou os conhecimentos sobre a história local, o que aumentou ainda mais o interesse pela temática da citricultura e suas especificidades.

Foi no PIBID que obtive também as minhas primeiras “experiências de campo” no trabalho com história oral. Pois, nesse projeto realizamos uma série de

¹ Por questões éticas, prefiro preservar a identidade dessa pessoa.

entrevistas com pessoas idosas ligadas aos alunos, para justamente explicar, na prática, como basicamente é realizada a construção da história local. Não foram poucas as entrevistas realizadas, sem saber o quanto estavam me acrescentando como historiadora.

Quando foi buscado o primeiro contato com Dona Iracema Baroni, pude perceber que havia adquirido experiência no contato com o público a ser entrevistado e nas desenvolvimentos que são necessárias para isso. A primeira entrevista realizada não foi muito proveitosa, devido ao fato de Iracema estar cansada psicologicamente, pois havia perdido um filho naquela época e, fisicamente, nos seus noventa e um anos de vida. Contudo, apenas o contato com aquela mulher tão à frente no seu tempo, já havia valido.

A possibilidade de não poder contar com a ajuda dos relatos mais detalhados de Iracema não desanimaram. O ingresso no grupo de pesquisa de história social o LAHS/UFRRJ, coordenado pela professora Graciela Garcia, trouxe a oportunidade de ter contato com obras relacionadas à micro-história e história-agrária, o que auxiliaram no caráter histórico-metodológico desse trabalho. Da mesma forma, a opção pela elaboração de uma biografia, uma sugestão que surgiu em uma das reuniões. Idéia que, a princípio, foi enxergada com estranheza, devido ao preconceito ainda vivo, que essa categoria sofre, mas, que foi interessando a partir dos contatos com a bibliografia atual sobre o tema.

Por isso, é necessário esclarecer que, esse trabalho não pretende seguir o aspecto apologético dos trabalhos biográficos construídos pela historiografia tradicional ao longo do século XIX, os quais buscavam enaltecer as virtudes dos atores analisados. Mas sim, entender a sociedade iguaçuana do período da citricultura, a partir da trajetória de um imigrante que teve como morada essas terras. É claro, que aspectos sobre a sua vida são importantes, até porque enriquecem a análise da conjuntura local, por ser uma personalidade que era pobre e enriqueceu, mas esses aspectos estarão, de certa maneira, em segundo plano. A motivação para escrever sobre Francisco Baroni não foi apenas a sua trajetória de sucesso em Nova Iguaçu, mas a possibilidade de, através da sua trajetória pessoal, entender o contexto histórico em que ele viveu, os quais não seriam perceptíveis num enfoque macroscópico. Nesse sentido, observamos aqui a questão de escala de observação, essencial para os estudos biográficos, na opinião de Benito Schmidt².

² SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo Biografias. Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. Revista Estudos Históricos, Vol. 10, No 19 (1997) p. 84.

Sobre essa questão da observação em escala micro e macro, entende-se que a análise da vida de um indivíduo, através da micro-análise, permite que sejam mostrados elementos que não seriam enxergados numa escala de observação mais distante, ou maior. Como o observou Giovanni Levi:

[...] para a micro-historia, a redução da escala é um procedimento analítico, que pode ser aplicado em qualquer lugar, independentemente das dimensões do objeto analisado. O princípio unificador de toda a pesquisa micro-historica é a crença em que a observação microscópica revelara fatores previamente não observados.³

Um aspecto interessante que se encontra no discurso de Benito Schmidt, é que uma das razões da emergência do gênero biográfico seria a perda de referências ideológica e morais no presente. Isso traria como consequência a busca dessas referências humanas no passado, através de trajetórias individuais, que possam servir de inspirações para atitudes que devem ser tomadas nos dias atuais. No que diz respeito ao conhecimento histórico, observa-se um novo interesse por esse gênero que foi por algum tempo visto como um exemplo de história tradicional, que visava os grandes homens e o sujeito coletivo. Esse retorno, segundo Benito Schmidt é internacional, podemos encontrá-lo na nova história francesa, no grupo atual de historiadores na Inglaterra, na micro-história da Itália, na psico-história dos Estados Unidos, na historiografia atual da Alemanha e também aqui no Brasil.⁴

A pergunta problema desse trabalho é: *Como um imigrante consegue sair da pobreza e se tornar um dos homens mais ricos e influentes da cidade de Nova Iguaçu?* Para isso, utilizei na pesquisa o trabalho com história oral, num conteúdo de entrevistas com pessoas da família de Baroni, mas precisamente a filha, a nora e a neta. Como perspectiva teórica, trabalharei com os princípios da micro-história que, segundo Levi “é essencialmente baseada na redução da escala de observação, em um estudo intensivo do material documental”.⁵ Desta maneira, escolhi estudar o período da citricultura iguaçuana no início do século XX, sob a égide da trajetória de vida de Francisco Baroni. Foram utilizadas como fontes documentais reportagens de jornais da época, bem como

³ LEVI, Giovanni. A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 89.

⁴ SCHMIDT, Benito Bisso. *O patriarca e o tribuno: caminhos, encruzilhadas, viagens e pontes de dois líderes socialistas – Francisco Xavier da Costa (187?-1934) e Carlos Cavaco (1878-1961)*. Campinas, SP. 2002.

⁵ LEVI, Giovanni. A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 90.

Relatórios de Presidente de Província dos anos analisados, além de títulos do próprio biografado.

O objetivo desse trabalho é não unicamente contar uma “história miúda”, mas permitir uma compreensão do período da citricultura iguaçuana do início do século XX e seus desdobramentos. Contudo, de acordo com o pensamento benjaminiano, o qual diz que é tarefa do historiador resgatar a memória⁶, entendo o meu trabalho como uma ínfima contribuição no que diz respeito à história local, que está em intensa construção no período atual. Isso porque, a cidade de Nova Iguaçu não pode ser enxergada pela geração atual como um local a - histórico, assim como nenhum local o é. Sua importância em tempos passados deve ser analisada e exposta, para que seja possível a desconstrução da imagem de uma mera “cidade dormitório”.

Sempre perguntam os motivos que me levaram a biografar justamente o Comendador Francisco Baroni e não outros produtores e exportadores de laranja da cidade. Sobre isso Schmidt explica que:

A escolha de um tema de pesquisa – sobretudo de uma pesquisa biográfica, na qual a relação entre o sujeito e o objeto de conhecimento é, literalmente, pessoal – está sempre ligada a fatores pouco mensuráveis, como empatia (ou antipatia), a admiração (ou o desprezo) e a curiosidade. Todavia, ela deve obedecer, também a critérios mais racionais e objetivos.⁷

Aquilo que mais me atraiu nessa figura social, tanto na documentação consultada quanto na pouca historiografia que temos sobre esse assunto, foi o fato dele ter sido um imigrante que fez da vida uma grande oportunidade de crescimento como indivíduo e como profissional. Pretendo abordar a trajetória de vida dele para que as pessoas de hoje possam se inspirar na sua história, não com cunho moral, mas sim como um incentivo para aqueles que acreditam que sonhar e realizar é possível. É importante, da mesma forma, perceber com esse trabalho, o quanto a vida pública influencia e altera a vida privada e vice-versa.

É importante deixar claro que tipo de biografia o leitor irá se deparar. Pois, sob esse rótulo se encontram trabalhos de diferentes teores, escritos por profissionais de diversas áreas. Como já disse, não farei uma biografia tradicional, ou seja, narrativa da vida de grandes homens do nascimento até a morte. Nem tampouco farei uma biografia

⁶ BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história” [SCH]. In: Obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1985.

⁷ SCHMIDT, Benito Bisso. *O patriarca e o tribuno: caminhos, encruzilhadas, viagens e pontes de dois líderes socialistas – Francisco Xavier da Costa (187?-1934) e Carlos Cavaco (1878-1961)*. Campinas, SP. 2002. p. 28.

sensacionalista. Essa biografia partirá da experiência de um indivíduo para abordar questões mais gerais no que diz respeito à época em que ele viveu.

No primeiro capítulo tratarei sobre a temática biográfica num aspecto geral. Pois, trabalhos biográficos ficaram meio abandonados ao longo de quase todo o século XX, antes de sua renovação recente. Contudo, as características das biografias que se fazem após a década de oitenta, são, primeiramente, o rigor histórico, que distancia da abordagem das outras disciplinas que também realizam esse trabalho e, segundo a questão da análise da trajetória de um indivíduo, a partir de um contexto histórico-social.

No capítulo dois, para melhor compreensão, trabalho a questão imigratória em linhas gerais e a imigração italiana, mais detidamente. Assim pretendo possibilitar que o leitor entenda o que ocasionou a saída de Baroni e seu pai da sua terra natal, para se aventurar em terras iguaçuanas. Considerarei importante adicionar essas questões, pois se tratando de um imigrante, a zona de interferência dos fatores que contribuíram para isso se expande. No caso de Baroni, o real motivo para deixar a Itália, foi a crise capitalista que o país passara no século XIX. Além disso, nesse capítulo foi elaborada uma linha de raciocínio para buscar a resposta da pergunta problema, onde questiono como e em que contexto ocorreu o processo de transformação de vida do Baroni. Nesse capítulo, busco entender, justamente, como se deu o início dessa mudança.

Já no terceiro e último capítulo, foi abordado o sucesso, não só de Baroni, mas dos demais que investiram na citricultura iguaçuana nas décadas de 20 e 30. Também foi investigada a conjuntura da cidade de Nova Iguaçu, as transformações na paisagem urbana e o aumento populacional. Através de Francisco Baroni, foi abordada a época em que a sua produção gerou maior orgulho a sua família, conforme os relatos saudosistas contidos nas entrevistas de pessoas ligadas a ele. Além disso, foi analisada uma entrevista realizada pelo jornal local com o próprio Baroni, no auge de sua importância financeira e prestígio para a cidade. Entretanto, nas últimas páginas desse trabalho será possível ter contato com o declínio da citricultura iguaçuana e as tristezas geradas por esse fato. Certamente, após ter contato com esse trabalho a passagem pela Rua Francisco Baroni, no centro de Nova Iguaçu, jamais será feita da mesma forma. Convido o leitor a conhecer um pouco mais da história de Nova Iguaçu e, da trajetória de um imigrante italiano, que enxergou nesse lugar a oportunidade de lutar contra a pobreza.

I - PANORÂMA A RESPEITO DO GÊNERO BIOGRÁFICO

"A história é a essência de inúmeras biografias."

(Thomas Carlyle)

Como ponto de partida é importante traçar um panorama a respeito do gênero biográfico, o qual andou por muito tempo distante do interesse e prioridade dos historiadores. Quando esse trabalho teve início, surgiu o questionamento a respeito de quando se iniciou a biografia. Fator muito comum dentro da carreira do historiador, visto que ao pensarmos em algo, reflete-se de imediato sobre o surgimento dessa coisa. Logo, no caso da biografia, despertou-se de ímpeto o pensamento de que ela poderia ter surgido concomitantemente à própria história. Hipótese confirmada pelas pesquisas de Benito Schmidt⁸, autor que se aprofundou e se especializou nesse tema.

De acordo com a análise desse autor, o gênero biográfico teve seus primórdios na Grécia antiga, juntamente com a própria história, no século V. Contudo, na conjuntura da polis, que em todos os aspectos sempre priorizava o coletivo, esse tipo de produção não se difundiu, por não ser favorável àquele contexto⁹. Com isso, foi bem mais tarde, apenas a partir do século IV, principalmente nas culturas helenística e romana que o gênero biográfico teve maior difusão. Todavia, na antiguidade a biografia era enxergada como diferente da história, pois não oferecia rigor documental. A exemplo disso, Schmidt cita Plutarco (ano 45 d.C), que afirma na sua obra *Vidas Paralelas*: “não escrevemos histórias, mas Vidas”¹⁰. Por outro lado, a história com a representação de Tucídides, buscava a possibilidade de criar algo mais verídico a respeito do passado, ela seria algo escrito com base em documentações de fatos que realmente ocorreram. De todo modo, as biografias poderiam até mesmo se aliar à imaginação no seu discurso, pois o foco não era a verdade, o que acabou sendo papel histórico, mas lições de vida. Com isso, percebe-se que na Grécia antiga as biografias realmente já existiam, porém não estavam comprometidas com a verdade no seu discurso. Apenas a história, disciplina que também surgiu naquela época, tinha a

⁸ SCHMIDT, Benito. História e Biografia. In: Cardoso, Ciro Flamarion. Vainfas, Ronaldo. (Org). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 187- 188.

⁹ Justamente por analisar a trajetória de um indivíduo, apenas. E, a polis visar sempre a coletividade.

¹⁰ Idem, p.188.

preocupação de embasar a sua escrita em ocorrências verídicas, criando assim, uma espécie de oposição entre uma e outra.

Diante desse panorama do mundo antigo, a respeito do gênero biográfico o autor prossegue observando que:

As biografias antigas participavam de um regime de historicidade específico, o da “história mestra da vida”, segundo o qual cabe ao passado iluminar o futuro, oferecendo exemplos e contra-exemplos de ação e de conduta que devem ser imitados ou refutados pelos homens do presente.¹¹

Essa função moral que a biografia agregou, de usar história de vida para impor uma boa conduta social, através da imitação dos atos das grandes personalidades biografadas, bem como a sua separação da história, resistiram desde a Grécia antiga até a Idade Média. E, é justamente durante esse momento que surgem as hagiografias, ou seja, as biografias das vidas dos santos. As hagiografias se caracterizavam pelo objetivo moral e eram ministradas em celebrações religiosas. Com biografias das vidas dos santos sendo lidas em voz alta a todos os presentes nas reuniões, possibilitava-se impor aos fiéis os “bons costumes” e a moral que eram bem vistas pela sociedade da época. Sendo um importante mecanismo de controle social do período. Assim, as biografias na Idade Média tinham como principal função social a imitação dos fiéis às boas condutas descritas nas histórias de vidas dos santos e mártires.

Posteriormente, surge um novo regime dentro da historiografia. Nesse novo pensamento, a história passa a se preocupar de alguma maneira com as previsões do futuro, sendo ele sempre visto como melhor que o passado e presente. Assim, pode-se dizer que o futuro oferecia sentido ao passado. É assim que surge a questão do progresso, no qual se apóiam o positivismo e o marxismo do século XIX. Nessas duas vertentes teóricas o indivíduo tem pouca atuação, pois as transformações na história são frutos de leis naturais e imutáveis, ou seja, não depende da força humana para ser transformada, porque ações humanas não interferem no contexto histórico.

Ainda se debruçando sobre os estudos de Schmidt, é possível afirmar que, diferente daquilo que diz o censo comum dentro da história, o positivismo não valorizava somente os “grandes homens”. O fato é que, são as ações dos grandes líderes políticos, militares e religiosos que tem mais ênfase na documentação oficial, a qual é matéria prima dos historiadores positivistas, já que estes tinham como foco a relação

¹¹ SCHMIDT, Benito. História e Biografia. In: Cardoso, Ciro Flamarion. Vainfas, Ronaldo. (Org). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 188.

neutra e objetiva com o passado. Com esse pensamento, o autor oferece uma visão relevante e inovadora sobre o fato dos historiadores positivistas biografarem apenas as ações das grandes personalidades. Contudo, ainda dentro da historiografia do século XIX, percebe-se que no materialismo histórico, a ênfase não está na individualidade, mas no coletivo e seus atores, assim como nos movimentos estruturais, não valorizando, desta maneira, as biografias.

Já no século XX, a desvalorização do método biográfico estava dentro de uma mudança maior dentro da própria historiografia. De acordo com Motta, observa-se o abandono da história política como um todo, após a o lançamento da revista *Annales d'histoire économique et sociale*, em 1929, por iniciativa de Marc Bloche Lucien Fébvre. A proposta inaugurada pelo grupo negava o gênero biográfico, porque esta não teria condições de chegar a natureza da “realidade social”¹², por ser ligado a fatos e atitudes individuais. A maior preocupação dos *Annales*¹³ seriam as estruturas de longa duração, os comportamentos do coletivo, o mundo do trabalho e sua realidade. A história política e o gênero biográfico foram vistos como elitistas e legitimadores do domínio dos mais ricos e fortes sobre os mais fracos. Quem a defendesse ganhava o título de conservador e conivente com a opressão das classes populares¹⁴. Segundo a autora:

Essa proposta de renovação tinha a história política como modelo a ser negado. Em outras palavras, a identidade dos *Annales* deveria ser construída com base na contestação da historiografia dominante desde o século XIX, a qual, focalizando prioritariamente o Estado e as instituições, as figuras ilustres e os heróis nacionais, estaria comprometida com a função política de legitimar o poder, construir a nação e fortalecer o Estado. Psicologizante, biográfica, qualitativa, narrativa, factual, e, por isso mesmo, “ideológica”, a história política não teria condições de atingir a natureza da “realidade social”, na medida em que era prisioneira de fatos superficiais e atitudes individuais, de análises estreitas e descrições lineares.

Foi, pois, em defesa de uma “história total”, pautada pela hegemonia do econômico e do social, que o grupo dos *Annales* questionou a tradicional supremacia do fato político na produção historiográfica vigente à época. A preocupação com as estruturas de longa duração, com os comportamentos coletivos, com a “realidade” do mundo da produção e do trabalho, revelava um projeto historiográfico no qual o político “ficava de fora”, uma vez que era percebido como “a simple epiphenomenon, largely determined by a collection of economic and social conditions that cannot be modified by human will”. O prestígio conquistado pela história social – a história do cotidiano e das mentalidades – engrossou o coro daqueles que negavam

¹² MOTTA, Marly Silva da. O relato biográfico como fonte para a história. *Vidya*, Santa Maria (RS), n° 34, jul./dez. 2000. p. 103.

¹³ Sobre os *Annales*, ver, entre outros, Burke (1991) e Dosse (1992).

¹⁴ Durante o trabalho de compilação de dados para escrita dessa monografia, foi palpável essa visão no meio de colegas de profissão quando explicava o interesse que possuía pelo gênero biográfico e, isso se tratando dos dias atuais. É possível, desta maneira, imaginar a resistência que os defensores da biografia como objeto de estudo sofreram no início do século XX.

qualquer valor explicativo aos acontecimentos políticos, englobados pela *longue durée*, e que teriam pouco impacto na vida cotidiana do homem comum.¹⁵

Assim, no século XX, enquanto a história seguia se constituindo como disciplina pretensamente científica, a biografia foi perdendo sua importância. Porém, ela não deixou de ser escrita por “historiadores pequenos”¹⁶, segundo analisa Schmidt. Após um longo período de menosprezo pelos historiadores que se diziam mais científicos, em 1980 há um renascimento desse gênero da história. É o que veremos a seguir.

1.1 A prática biográfica na atualidade

A vitalidade que a história obteve, a partir dessa renovação, em suas diversas faces e na interdisciplinaridade trouxe a essa disciplina uma infinidade de temas que podem ser abordados¹⁷. E, segundo Motta, foi a favor da fragmentação e pela delimitação de um campo em específico, que foi possível o retorno do gênero biográfico a partir da década de 80 do século passado. Nesse novo quadro dentro na pesquisa histórica, entre outros aspectos, passa-se a valorizar as experiências individuais no que diz respeito à compreensão do passado, assim como se revaloriza o sujeito e seu papel na história, bem como a biografia.

No entanto, naquele momento a preocupação era que o retorno significasse a volta da mesma biografia que havia sido negada no passado, e com isso retornasse a antiga história tradicional, descritiva, de homens e fatos. Os que lutaram por essa mudança queriam uma biografia história mais envolvida com as interpretações dos fenômenos globais. Como explica Marly Silva da Motta:

Tal perspectiva foi endossada por René Rémond, que partilhava a idéia de que a renovação da história política deveria não só valorizar a interdisciplinaridade e lidar com dados seriais na longa duração, como explorar todos os aspectos da vida social, sendo capaz de passar de uma

¹⁵ MOTTA, Marly Silva da. O relato biográfico como fonte para a história. Vidya, Santa Maria (RS), n° 34, jul./dez. 2000. p. 4-5.

¹⁶ SCHMIDT, Benito. História e Biografia. In: Cardoso, Ciro Flamarion. Vainfas, Ronaldo. (Org). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 191. Interessante como o autor denomina de “historiadores pequenos” os biógrafos que resistiram as transformações que ocorriam dentro do campo historiográfico. Ele não explica quem seriam eles, mas entende-se que eram os historiadores de menor prestígio dentro da academia.

¹⁷ A história do século XX passa trabalhar com as mais diversas possibilidades de temas, fenômeno que ficou conhecido como a história total. Como por exemplo: história da moda, história da natureza, história do sexo, história da arte, entre outras coisas.

história “particularizada” para uma história “total”. A presença do político em todas as esferas da atividade humana o colocaria no ‘coração’ da realidade, tornando a história política uma “*science carrefour*”, sem quaisquer fronteiras que pudessem impedir seu relacionamento com outras disciplinas.¹⁸

Nesse sentido, com o retorno da biografia como gênero legítimo no campo da história, é possível perceber que esse tipo de abordagem, além de passar uma noção de indivíduo, pode transmitir uma visão mais geral de um determinado assunto ou local. Mediante a contribuição de Verena Alberti¹⁹, é possível pensar na possibilidade de que o relato pessoal, ou o que se conhece por *história oral*²⁰, passa ao leitor uma experiência que é coletiva, assim como uma visão de mundo numa determinada sociedade. Ou seja, um relato que se colhe numa entrevista não é uma visão de uma vida isolada socialmente, mas a percepção que se tem de toda uma época e de um contexto.

Assim, através da abordagem biográfica proposta por Schmidt de uma visão microscópica, ou seja, da *micro-história*²¹, é possível avaliar a extensão da liberdade do indivíduo, nos mais diversos contextos²². Com essa modalidade da história é possível ter acesso a informações que não se teriam sem a sua utilização. É como se o historiador não quisesse mais escrever sobre “a procura de uma agulha num palheiro”, mas sim sobre: as opiniões que a agulha tem sobre estar perdida no palheiro, sua visão dali, sua história de vida e seus relatos sobre como é estar perdida ou o relato das pessoas que tiveram contato com a agulha o palheiro e daquele fato. São essas duas modalidades da história, história oral e micro-história que mais contribuem na elaboração de biografias, no formato que se pretende aqui. Neste momento, veremos a contribuição de cada uma nos dias de hoje.

No que diz respeito à contribuição da história oral na pesquisa biográfica atual, percebe-se que o historiador hoje, possui mais liberdade na compilação de fontes para o seu trabalho, visto que a renovação historiográfica aliada à tecnologia contribui para um maior acesso ao indivíduo pesquisado e à sociedade a qual ele pertenceu. Sobre as

¹⁸ MOTTA, Marly Silva da. O relato biográfico como fonte para a história. Vidya, Santa Maria (RS), nº 34, jul./dez. 2000. p. 7.

¹⁹ ALBERTI, Verena. Indivíduo e biografia na história oral. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. [5]f.p. 4.

²⁰ Grifo meu. Para aprofundar-se, ver: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO Janaína. Usos e Abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1998.

²¹ Grifo meu.

²² Segundo Schmidt, entre as correntes historiográficas em que a biografia ganha destaque, sem dúvidas é na micro-história.

transformações sofridas na pelos métodos da história oral na atualidade, Verena Alberti observa que:

Esse novo quadro na pesquisa histórica resultou em mudanças importantes nos conteúdos dos arquivos e na concepção do que é uma fonte, e coincidiu com as transformações das sociedades modernas. Por exemplo: as decisões que antes eram tomadas no curso de uma troca de correspondência, hoje em dia são tomadas por telefone, fax ou *e-mail*, muitas vezes sem deixar rastros em arquivos. Uma entrevista de história oral pode reconstituir processos decisórios e revelar informações que de outra forma se perderiam. Outros registros sonoros (músicas, *jingles*, gravações radiofônicas), ou ainda fotografias, caricaturas, desenhos, filmes, monumentos, obras de arte e de arquitetura, são passíveis hoje em dia, de se tornar fontes para o estudo do passado, tendo havido, portanto, uma revisão do fetichismo da fonte escrita.²³

Em relação à micro-história, Levi observa que o princípio que une toda a pesquisa dessa modalidade é a crença no fato de que, aquela observação, revelará informações que antes não haviam sido percebidas²⁴. O exemplo disso é quando se analisa um único personagem e sua trajetória para observar toda uma sociedade. A micro-história na prática é baseada na redução da “escala de observação”²⁵ em uma análise microscópica e, em um estudo intensivo do material documental. A idéia da escala é um objeto de análise que se pode utilizar para medir as dimensões dos campos de relacionamentos. Dentro da micro-história a escala pode ser usada em qualquer lugar e sobre qualquer objeto, independente de sua dimensão. O “micro” se refere à escala de observação e não a dimensão do objeto.

Considerando estes elementos apontados, é possível afirmar que para elaborar uma biografia é fundamental compreender que o indivíduo está imerso no meio em que vive. Enxergar as esferas de relacionamentos do indivíduo, nos mais diversos campos, é importante para entender um determinado contexto no qual o indivíduo em análise está inserido. A respeito da liberdade do ator social no seio das diversas conjunturas que se pode encontrar na sociedade, Giovanni Levi explica que:

Toda ação social é vista como o resultado de uma constante negociação, manipulação, escolhas e decisões do indivíduo, diante de uma realidade normativa que, embora difusa, não obstante oferece muitas possibilidades de interpretações e liberdades pessoais. A questão é, portanto, como definir as margens - por mais estreitas que possam ser - da liberdade garantida a um indivíduo pelas brechas e contradições dos sistemas normativos que o governam. Em outras palavras, uma investigação da extensão e da natureza da vontade livre dentro da estrutura geral da sociedade humana. Neste tipo de investigação, o historiador não está simplesmente preocupado com a interpretação dos significados, mas antes em definir as ambigüidades do

²³ ALBERTI, Verena. *Indivíduo e biografia na história oral*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. [5]f. p. 5.

²⁴ LEVI, Giovanni. *Sobre a micro-história*. In: Burke, Peter. (Org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. Unesp, 1992. p. 134.

²⁵ Idem. Op. Cit. p. 134.

mundo simbólico, a pluralidade das possíveis interpretações desse mundo e a luta que ocorre em torno dos recursos simbólicos e também dos recursos materiais.²⁶

Assim, as ações do indivíduo ao mesmo tempo que incidem sobre o contexto no qual está inserido, também resultam de vários condicionamentos dos sistemas normativos de práticas discursivas ou não. O indivíduo se percebe como um ser único, coerente, racional e objetivo, senhor de si e de todas as suas atitudes. É dessa forma que o nome próprio se transforma num rígido designador que mantém constante o indivíduo que o possui, para as variedades de lugares e de momentos diversos²⁷. Por isso, é possível biografar um indivíduo do nascimento à morte, pois seu nome traz constância a narrativa. E, embora ocorram transformações, essas mudanças podem ser enxergadas como evolução ou decadência, dependendo do caso. Contudo, a unidade que o nome oferece nos traz a noção de indivíduo.

É justamente essa a crítica de Pierre Bourdieu, quando ele desenvolve a questão da “ilusão biográfica”²⁸, pois em certos casos a biografia oferece a impressão de que a vida é formada por um todo coerente com a intenção de um coeso “projeto”²⁹ dentro de um “campo de possibilidades”³⁰, percebidos quando o aquele que narra sua trajetória se utiliza de expressões do tipo “desde pequeno”, “sempre”, “desde então”. Outra contribuição desse autor no que diz respeito à análise de um indivíduo isolado é a questão do nome próprio, já introduzida acima.

Assim, segundo Pierre Bourdieu, temos no mundo social, instituições de unificação do eu e o nome próprio seria a mais evidente delas. Afinal ele tem sempre a

²⁶ LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: Burke, Peter. (Org.). A Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: Ed. Unesp, 1992. p. 136.

²⁷ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO Janaína. *Usos e Abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 185.

²⁸ Idem. Op. Cit. p. 183-184.

²⁹ VELHO, Gilberto. 1994. “Trajetória individual e campo de possibilidades”. In: Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. p. 31- 32.

³⁰ Idem. Op. Cit. p. 32. O conceito de *projeto* para o autor, que se baseia no de Schutz, significa a conduta organizada para atingir finalidades. Para se pensar na consciência individual o autor usa a noção de *campo de possibilidades* como dimensão sociocultural, espaço para formular e implementar projetos. Os *projetos* individuais sempre interagem com outros no *campo de possibilidades*. Nenhuma sociedade é simples ou homogênea, a própria possibilidade social está fundamentada na interação das diferenças, com a problemática antropológica da troca. O que fica em jogo, sempre, é a unidade social que escolhe se trabalhar. No caso das sociedades complexas modernas, as variáveis econômicas, políticas, sociológicas e simbólicas, criam um mundo de indivíduos que a identidade é colocada sempre em cheque e está sempre sujeita a mudanças. Essa situação é aguda nas metrópoles e o desenvolvimento da comunicação de massas amplia essa problemática. A transformação individual se dá ao longo do tempo e contextualmente. A heterogeneidade, a globalização e a fragmentação da sociedade trazem novas dimensões que colocam em cheque as concepções de identidade social e consciência existencial.

função de nomear o mesmo objeto em todos os ambientes possíveis. Ele é uma forma de identidade social que é constante e ao mesmo tempo durável e permite que o indivíduo possua a mesma identidade em todos os ambientes em que intervém. O nome é aquilo que atesta a identidade daquele portador que vai além dos tempos e dos limites geográficos. O nome é que possibilita a análise da vida do indivíduo para a elaboração de uma biografia. Por isso, ainda de acordo com o autor:

[...] O nome próprio é o suporte (somos tentados a dizer substancia) daquilo que chamamos de estado civil, isto é, desse conjunto de propriedades (nacionalidade, sexo, idade, etc.) ligadas a pessoas às quais a lei civil associa efeitos jurídicos e que instituem, sob a aparência de constatá-las, as certidões de estado civil. Produto do rito de instituição inaugural que marca o acesso a existência social, ele é o verdadeiro objeto de todos os sucessivos ritos de instituição ou de nomeação através dos quais é construída a identidade social: essas certidões (em geral públicas e solenes) de *atribuição*, produzidas sob o controle e com a garantia do Estado, também são designações rígidas, isto é, válidas para todos os mundos possíveis, que desenvolvem uma verdadeira *descrição oficial* dessa espécie de essência social, transcendente as flutuações históricas, que a ordem social institui através do nome próprio; de fato, todas repousam sobre o postulado da constância do nominal que pressupõem todos os atestados de nomeação, bem como, mais genericamente, todos os atestados jurídicos que envolvem um futuro a longo prazo, quer se trate de *certificados* que garantem de forma irreversível uma capacidade (ou urna incapacidade), de contratos que envolvem um futuro longínquo, como os contratos de crédito ou de seguro, quer de sanções penais, toda condenação pressupondo a afirmação da identidade para além do tempo daquele que cometeu o crime e daquele que sofre o castigo.³¹

Ainda de acordo com essa abordagem, não se pode compreender uma trajetória sem que antes se construa os “estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado”³². Assim, entende-se que é necessário todo um conhecimento prévio do contexto social da época em que é estudada, ou seja, o conhecimento do espaço no qual vive o indivíduo em análise, aquilo que o autor chama de “superfície social”³³, pois se entende que o ser humano é um ser social e por isso interfere e é modificado pelo meio em que vive. É essencial, da mesma forma, a descrição da personalidade denominada pelo nome próprio e, nesse sentido, é necessária a explicação da gama de posições ocupadas simultaneamente num determinado momento por um indivíduo sociológico que atua com atributos que o permitem agir como “agente eficiente” em campos distintos.

³¹ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO Janaína. *Usos e Abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 188.

³² Idem. Op. Cit. p. 189.

³³ Ibidem. Op. Cit. p. 185.

Diante dessas informações, de acordo com Benito Schmidt, escrever uma biografia é chamar a atenção para:

O “fazer-se” do personagem focado ao longo do tempo, e que tal movimento não é linear e unidirecional, mas contextualmente delineado, sujeito, pois, a diferentes injunções e ritmos, bem como a incertezas, descontinuidades, oscilações e incoerências. Afinal, a cada momento da vida, todo indivíduo tem diante de si um futuro incerto e indeterminado, diante do qual faz escolhas no âmbito de um campo de possibilidades, esse, sim, historicamente determinado. Se para os historiadores, tais futuros já são passados, e os resultados das escolhas feitas, conhecidos, torna-se importante recuperar, na medida do possível (e esse possível inclui a disponibilidade de fontes), o caráter dramático de toda a existência, ou seja, o âmbito da incerteza, do talvez, do hipotético, do poderia ter sido, do que não se realizou. Somente dessa forma a biografia será capaz de exprimir o ‘demasiadamente humano’ da existência, ou seja, a angústia de se querer uno quando se é múltiplo e de se deparar com inúmeros caminhos quando a vida só pode ser uma.³⁴

Ao contrário de outras disciplinas que também se utilizam da biografia, como a Literatura, a relação da história com essa vertente foi mais sensível. Francisco Falcón na análise biográfica de Marques de Pombal enfatizou a questão da verdade e do rigor documental, elementos caros a história, diferente do aspecto ficcional da literatura. Assim, a literatura fica com o papel da arte e a história com o da ciência. Desta maneira, pode-se dizer que a biografia é uma modalidade de escrita utilizada por diversas disciplinas, contudo o que diferencia a história de outras é busca da verdade enquanto horizonte, não podendo ser confundida com o aspecto artístico da literatura – que pode revelar o verossímil, mas não tem o compromisso com o verdadeiro.

De acordo com Benito Schmidt³⁵ a crescente volta dos sujeitos individuais na história é uma resposta aos enfoques estruturalistas da produção historiográfica próprias do século XX. Assim, segundo o autor, é possível observar a redução da produção quantitativa e serial e a ampliação dos estudos de caso e da micro-história. É bem clara a tentativa dos historiadores da geração a qual ele pertence de, com a biografia, articular o social e o individual, o contextual e o subjetivo. Esses trabalhos têm como função revelar as dimensões de determinados problemas de pesquisa, os quais não são perceptíveis numa escala macro³⁶.

³⁴ SCHMIDT, Benito. História e Biografia. In: Cardoso, Ciro Flamarion. Vainfas, Ronaldo. (Org). Novos Domínios da História. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 199.

³⁵ Idem. Construindo Biografias. Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. Revista Estudos Históricos, Vol. 10, No 19 (1997) p. 3-21.

³⁶ No caso do meu trabalho, era necessário que, através da vida de um indivíduo isolado, fossem enxergadas nuances que possibilitassem ao leitor entender o contexto social da cidade de Nova Iguaçu para melhor observar o período agroexportador da cidade. Penso não tão rico analisar os anos de ascensão

A riqueza do gênero biográfico seria a possibilidade de fugir das explicações que visavam apenas o destino final e trazer à tona o complexo processo de elaborações. Com isso, a reconstrução de trajetórias de vidas dos atores sociais pode explicar traços pouco esclarecidos pela análise serial da documentação. Segundo Marly Silva da Motta, essa difícil relação entre o indivíduo e a estrutura era um ponto delicado que gerava divergência entre os historiadores na década de 80. Para ela também, é inegável a contribuição que a biografia trouxe no desvendar das relações entre o indivíduo e suas várias liberdades de agir.

Pode-se dizer que embora na década de 80 tenha sido o período do enfraquecimento das forças contrárias ao método biográfico, a resistência somente diminuiria na década de 90. Um exemplo disso foi a biografia escrita por Le Goff de Saint Louis, publicada em 1996 na França. No Brasil, foi lançado “Os que fazem a história” por Francisco Falcon, o qual chamou a atenção para o método biográfico e seus pontos sensíveis na década de 90. Sobre a biografia na atualidade, Mattos ainda observa que:

Também favoreceu o boom das biografias e das autobiografias o fato de terem se transformado em um tipo de fonte bastante atraente para os historiadores e cientistas sociais – especialmente aqueles filiados à história social voltada para o coletivo e o cotidiano –, uma vez que, através da técnica de história oral, puderam se revelar uma importante via de acesso aos “despossuídos”, abrindo a perspectiva de dar voz aos mudos da história, de tornar “eu” quem era ninguém. Ou seja, através do testemunho dessas histórias pessoais, puderam ser revelados os detalhes da vida cotidiana e dos costumes e hábitos dessa população “silenciosa”³⁷.

Em consonância com esse panorama, pode-se observar que o gênero biográfico passou por diversas críticas dentro da historiografia, ao longo do tempo. Contudo, permaneceu como forma de resistência o seu caráter instigador para qualquer tipo de leitor, tanto dentro quanto fora da academia. Por isso, antes de ter acesso a esse gênero é importante saber que ele passou por transformações desde a sua primeira elaboração, como se observou anteriormente, na Grécia antiga, até os dias atuais. Seja como for, o gênero biográfico vem ganhando espaço novamente, não só dentro da historiografia brasileira, como, na mundial. Esse fenômeno pode ser explicado de diversas maneiras,

e queda da citricultura, isoladamente, quando cotejando-os com relatos de como os indivíduos da época pensavam e como encaravam seus desafios, por isso a escolha da biografia.

³⁷ MOTTA, Marly Silva da. O relato biográfico como fonte para a história. Vidya, Santa Maria (RS), nº 34, jul./dez. 2000. p. 11.

que vão desde a questão da curiosidade específica a respeito de certos personagens às, renovações sofridas pela historiografia no último período.

II - DA ITÁLIA PARA NOVA IGUAÇU, A QUESTÃO IMIGRATÓRIA

O presente capítulo pretende abordar a vinda de um imigrante italiano, Francisco Baroni, para o município de Maxambomba, e sua trajetória antes de se tornar um grande comerciante, cotejando-a com o contexto da imigração italiana para o território fluminense e com a gênese do cultivo da laranja na região da Baixada Fluminense. Dessa maneira pretende-se abordar questões relacionadas à imigração e suas burocracias e o contexto social em torno da decisão da vinda para uma terra distante. A partir disso, buscar apreender como foram os primeiros momentos da chegada desse imigrante até o início da citricultura na região. Espera-se que essa abordagem crie para o leitor um pano de fundo que o auxilie a entender o contexto social em que se inseria o ator em análise.

A história do individuo biografado, Francisco Baroni (02/02/1984-02/05/1955) teve início numa região montanhosa³⁸, na cidade de Fuscaldo³⁹, uma comuna italiana na região da Calábria, a qual se localiza na província de Consenza. Para melhor entender seria interessante pensar na região sul da península itálica, simplesmente. Sugerir a localização exata para que o leitor possa entender alguns aspectos sobre a questão imigratória na Baixada Fluminense⁴⁰ que tratarei logo à frente. De acordo com a sobrinha-neta de Baroni, ele veio numa embarcação junto a seu pai que se chamava Guiseppé⁴¹ Baroni, carvoeiro por profissão, “tentar a vida aqui no Brasil”⁴². O ano de chegada é 1897, Baroni tinha apenas 13 anos⁴³.

³⁸ GOMES, Angela de Castro (org). Histórias de Famílias: entre a Itália e o Brasil: depoimentos. Niterói, RJ: Muiraquitã, 1999. p. 22. Por curiosidade, de acordo com Angela de Castro Gomes, Fuscaldo - *de fons caldo* ou água quente – é uma pequena cidade de montanha, lembrada como famosa por seu bom clima e pela tradição medieval de suas famílias. Dominava, em seu passado, região geográfica bem maior, abarcando a vizinha litorânea Paola. É uma das cidades do sul da Itália atingidas pela pobreza e pelo caos trazido pela guerra.

³⁹ Entrevista realizada com a sobrinha-neta do Francisco Baroni, Katia Baroni, concedida a autora – Rio de Janeiro, 21/10/2012. Interessante que, com exceção dessa entrevistada, os familiares se referem que ele era apenas da “região da Calábria” e não a sua localização natal de fato.

⁴⁰ Neste trabalho estou de acordo com a Fundação CIDE (Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro) no que tange a definição dos municípios que fazem parte da Baixada, segundo essa fundação a região é composta pelos seguintes municípios: Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica.

⁴¹ Ou “José”, como se fala na língua portuguesa e como encontrei no jornal: Correio de Maxambomba, Nova Iguaçu, 07/10/1956, n. 43.

A viagem não era na da fácil, como aborda Gomes⁴⁴. A passagem era bastante cara e exigia, em alguns casos, a mobilização financeira da família. Isso por que, era necessária a contratação de despachantes que cuidavam dos papéis necessários. Os vistos somente eram concedidos mediante uma “carta de chamada”, que vezes era verdadeira, outras não. Essa carta tinha a função burocrática de mostrar às autoridades brasileiras que havia quem recebesse o imigrante na sua chegada. Depois disso, havia um exame médico, que era considerado rigoroso. O indivíduo que não estivesse de fato bem de saúde era impedido de embarcar, a fim de se impedir a transmissão de doenças em viagens de semanas e, até mesmo meses.

Essa questão da imigração para o Brasil e a busca por melhores oportunidades de trabalho, foi um fenômeno estudado por Emílio Franzina, que analisou mais especificamente a emigração italiana. Segundo o autor a emigração naquele país foi, principalmente, devido ao processo complexo de formação e desenvolvimento do capitalismo. Pois, para ele, a emigração:

[...] foi um problema não resolvido na vida social e econômica italiana, levando a um modelo de desenvolvimento que substituí a força de trabalho interna a uma política de exploração das classes subalternas.⁴⁵

Emílio Franzina entende que a emigração é um fenômeno tanto econômico quanto demográfico, pois para que ele ocorra, é necessária uma área de saída e outra de chegada, assim como fatores de expulsão e fatores de atração. No nosso caso, saída e expulsão, seriam a Itália e seu difícil processo de adaptação à nova realidade capitalista. Chegada e atração, o Brasil e os sonhos de uma vida melhor numa terra totalmente nova. As especificidades de cada um desses fatores são determinadas pelo momento histórico, contudo sempre levando ao período complexo que foi a evolução capitalista do século XIX.

⁴² Entrevista realizada com a sobrinha-neta do Francisco Baroni, Katia Baroni, concedida a autora – Rio de Janeiro, 21/10/2012.

⁴³ CARVALHO, Iracema Baroni de. *Saudades de Nova Iguaçu*. Folha Carioca Editora, Rio de Janeiro – Nova Iguaçu, 1987, p. 33.

⁴⁴ GOMES, Angela de Castro (org). *Histórias de Famílias: entre a Itália e o Brasil: depoimentos*. Niterói, RJ: Muiraquitã, 1999. p. 22.

⁴⁵ FRANZINA, Emilio, 1948 - *A grande emigração: o êxodo dos italianos do Venêto para o Brasil*; tradução Edilene Toledo e Luigi Biondi. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006, p. 29-30. O nosso personagem, junto a sua família estava dentro desse quadro, porém sua trajetória não havia sido analisada tão de perto como se faz nesse momento, mas de maneira mais geral e estrutural, simbolizando nada mais que um dado, um número.

A grande emigração italiana, segundo esse autor, pôde ser sentida até pouco tempo atrás, levando milhões de trabalhadores italianos a darem rumos às suas histórias semelhantes ao de Giuseppe e seu filho, o pequeno Francisco. Eram pessoas com sonhos de fazerem da vida, algo menos duro, em terras que prometiam trabalho e dignidade. A imigração, dentro desse contexto, “precisa ser entendida através de um contexto de transição de um país pré-agrícola e pré-industrial para uma maturidade capitalista”.⁴⁶

Segundo os dados revelados através do levantamento dos Relatórios de Presidente de Província⁴⁷ no que concerne à imigração italiana no período de chegada dos Baronis, é possível observar que em 1896 havia um projeto do governo que visava introduzir no Rio de Janeiro mil e quinhentas famílias de italianos, portugueses e espanhóis através de contratos com fazendeiros. Sendo todos esses imigrantes para trabalhos agrícolas. Os registros nesses relatórios mostram que chegaram quinhentos imigrantes à província do Rio de Janeiro por mês, só naquele ano. Francisco Baroni chegou ao Brasil ano seguinte (1897), ano no qual não foram registradas informações sobre imigrantes nos relatórios pesquisados, mas podemos inferir que tenha alcançado um número ainda maior.

Emílio Franzina entende que um dos principais fatores que levaram as emigrações iniciais na Itália foi, sem dúvida, a crise no setor agrícola. Isso por que, houve no final do século XIX a baixa do preço do trigo, que afetou principalmente os pequenos produtores. Como consequência dessa situação difícil no campo foi gerado um quadro de miséria entre os trabalhadores agrícolas italianos. O que por sua vez, leva ao fenômeno emigratório de massa de trabalhadores do campo. Nosso personagem de análise, por ser filho de carvoeiro, se insere nesse contexto de transição internacional vivido pelos trabalhadores rurais. Visto que outra das características da imigração italiana desse período era de êxodo plurifamiliar, ou seja, de movimentação de famílias inteiras ou de boa parte delas para uma terra onde pudessem ter acesso à terra ou, na pior das hipóteses, oferecer sua mão de obra.

As chamadas “colônias” que prometiam uma maior autonomia econômica eram os grandes atrativos dessas famílias. No entanto, nesse mesmo período, a ilusão de

⁴⁶ FRANZINA, Emilio, 1948 - *A grande emigração: o êxodo dos italianos do Venêto para o Brasil*; tradução Edilene Toledo e Luigi Biondi. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006, p. 30.

⁴⁷ Relatório de Presidente da Província do Rio de Janeiro, disponível através do link: http://www.crl.edu/brazil/provincial/rio_de_janeiro, ano 1896, p. 34. Acesso em 10/11/12.

ganhar grandes benefícios econômicos e comerciais no além-mar nessas colônias italianas começa a diminuir. Isso por que, as economias argentina e brasileira conseguem ganhar autonomia em áreas antes ocupadas somente pelo excedente demográfico europeu, retirando o monopólio comercial da população imigrante e, além disso, os Estados Unidos passam a abrir um novo e gigantesco mercado de trabalho, com o qual ficava bastante difícil concorrer.

Giuseppe Baroni e seu filho pertencem à região do sul da Itália, a qual teve um grande contingente de emigração. Além disso, são trabalhadores agrícolas, os quais ficaram excluídos da industrialização nacional que estava concentrada no norte do país. Sobre essa conjuntura, Franzina observa que:

Em 1896 a industrialização do norte avança e a crise agrária se acentua, é perceptível a divisão do país em dois, e o sul inicia o seu fluxo migratório. Mas dessa vez o governo está preparado e cria a lei de 31 de janeiro de 1901 sobre a imigração para seja feita de forma disciplinada e para se defender das acusações de indiferença em relação aos emigrantes.⁴⁸

A partir dos jogos de escalas propostos por Giovanni Levi⁴⁹, pode-se dizer que encontramos a história do biografado dentro de uma estrutura maior de observação abordada por Franzina. Nela, enxergamos de forma microscópica uma trajetória de vida que sofreu com a crise gerada pela expansão do capitalismo e teve de procurar soluções em outro solo e, num olhar mais geral, enxergamos até mesmo a divisão do país em dois pólos, um que estava prosperando (o norte da Itália) e outro que estava em decadência (o sul). Angela de Castro Gomes entende que o interessante na história de famílias de imigrantes são as especificidades que cada um tem a nos mostrar. Trabalhar com famílias vindas no período que a autora denomina de “grande imigração”⁵⁰, ou seja, a imigração que ocorreu dentro do período de 1870 a 1930, é lidar com memórias, que podem ser mais interessante que o tema propriamente dito. Sobre a “grande imigração”, a autora analisa que:

Cerca de um milhão e meio de pessoas desta nacionalidade chegaram ao Brasil, o que se não é um número tão expressivo, se comparado às levas que chegaram aos EUA e à Argentina, também não é pouco, quando pensamos

⁴⁸ FRANZINA, Emilio, 1948 - *A grande emigração: o êxodo dos italianos do Venêto para o Brasil*; tradução Edilene Toledo e Luigi Biondi. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006, p. 31.

⁴⁹ LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: Burke, Peter. (Org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. Unesp, 1992, p. 133-139.

⁵⁰ GOMES, Angela de Castro (org). *Histórias de Famílias: entre a Itália e o Brasil: depoimentos*. Niterói, RJ: Muiraquitã, 1999. p. 15.

que a população da cidade do Rio de Janeiro, a maior do país, em 1940, era de aproximadamente um milhão e setecentos mil habitantes.⁵¹

A imigração italiana no Rio de Janeiro é um tema pouco abordado pela historiografia. O mais comum é que tratem dessa imigração em São Paulo ou no sul do país. A produção ainda se torna mais escassa, quando a imigração é para a Baixada Fluminense e, quase inexistente para Nova Iguaçu.⁵² Contudo, é necessário que haja uma mudança nesse quadro, se de fato existe intenção de preservar a memória fluminense e resgatar aspectos da sua história ainda não abordados. Sobre a questão da imigração italiana no Rio de Janeiro, quase como uma resistência a esse quadro, Julio Cezar Vanni observa que:

No Brasil quando se fala da presença de italianos, geralmente os pensamentos se voltam para São Paulo e a região Sul, como se fosse daquele estado e daquela região o exclusivo privilégio da sua imigração. Outros estados, como Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo também foram aquinhoados com importantes contingentes de imigrantes, conforme revela a verdade histórica contida nos livros de registros da antiga hospedaria da Ilha das Flores, nas estatísticas e nos livros de registros civis dos cartórios do interior, onde muitos se casaram, registraram filhos, netos e estão relacionados seus óbitos.⁵³

No que diz respeito à presença italiana na Baixada Fluminense, o autor prossegue dizendo que:

A Baixada Fluminense não tem tradição como região de grande interesse para os imigrantes italianos. Com exceção de São Gonçalo, que dividia com Niterói o privilégio de proximidade da Ilha das Flores, os demais municípios não exerceram qualquer atrativo para os imigrantes. Porém, com o crescimento da Baixada, com populações migradas do interior, muitas famílias com cognomes itálicos, já na segunda ou terceira geração, se fixaram na região, com destaque para Nova Iguaçu e Duque de Caxias. Com múltiplas oportunidades de trabalho e possibilidades de bons negócios, houve também uma migração de famílias do Rio para municípios vizinhos. [...] É bem possível que a maioria dessa gente, absorvida pela cultura do meio ambiente, pelo trabalho intenso e por outras razões, já tenha até esquecido das origens peninsulares. Em todos os municípios da Baixada o elemento italiano está presente, no comércio, na indústria, na prestação de serviços, em organizações universitárias, no magistério, nas profissões liberais e na política.⁵⁴

Diante desses expostos, pode-se concluir que uma crise estrutural na economia italiana devido aos novos contornos capitalistas do século XIX, fez com que uma

⁵¹ VANNI, Julio Cezar. Italianos no Rio de Janeiro: a história do desenvolvimento do Brasil partindo da influencia dos italianos na capital do Império. Niterói, RJ: Editora Comunità, 2000. p. 16.

⁵² Durante a pesquisa, tive dificuldade para conseguir bibliografia que tratasse sobre a imigração italiana no Rio de Janeiro, sobre a imigração na baixada ela quase não existe e, em Nova Iguaçu a situação fica ainda mais escassa.

⁵³ Idem. Op. Cit. p. 21.

⁵⁴ VANNI, Julio Cezar. Italianos no Rio de Janeiro: a história do desenvolvimento do Brasil partindo da influência dos italianos na capital do Império. Niterói, RJ: Editora Comunità, 2000. p. 127.

grande massa de trabalhadores partisse rumo à América em busca de uma oportunidade de vida, o que ficou conhecido como a grande imigração. O crescimento de imigrantes no Rio de Janeiro pode ser explicado igualmente pelo fato do governo incentivar a vinda de mão de obra estrangeira desde o ano 1887.⁵⁵ Cinco anos à frente, no ano de 1892⁵⁶, o governo ainda insiste na necessidade de trabalhadores rurais e na busca de solução na imigração. Já no ano de 1896, apenas um ano antes da vinda de Baroni, o governo já possuía um projeto pronto para introduzir estrangeiros no Rio de Janeiro.

Entretanto, a pesquisa sobre a chegada de Francisco Baroni e seu pai Guisepe - uma das características que instigou o trabalho - foi justamente o fato de eles terem rumado para Maxambomba⁵⁷ (que se tornaria futuramente, Nova Iguassú)⁵⁸ e, não para um local mais desenvolvido economicamente. Provavelmente isso ocorreu, considerando que na cidade já havia a prática da extração de matas virgens, devido à profissão do pai e que futuramente seria a do filho, de carvoeiro. Sobre esse assunto, Maria Chambarelli de Oliveira observou que:

Destaque para a abundância de matéria-prima oferecida pela Mata Atlântica e a ausência de outras fontes energéticas capazes de atender às necessidades da população do Rio de Janeiro em crescimento desde a chegada da Família Real e sua Corte, em 1808, em 1872 o Rio de Janeiro já era uma cidade de 275.000 habitantes, enquanto o Estado de mesmo nome possuía 783.000 pessoas. Em 1890, os números eram respectivamente 522.000 e 811.000, para a cidade e para o Estado. Acrescente-se a tais fatores a presença da ferrovia e a multiplicação de pequenas siderurgias na cidade do Rio de Janeiro, em fase de industrialização. Sem desprezar a alta rentabilidade no processo de transformação da matéria-prima em carvão vegetal e a habilidade do imigrante calabrês neste processo.⁵⁹

Pai e filho estavam inseridos nesse quadro. A escolha por solos que hoje são iguaçuanos pode ter sido devido às promessas de trabalho em abundância na Baixada, a qual possuía um histórico de cumprir função de abastecimento da cidade do Rio de Janeiro. Naquele momento, em terras totalmente novas, era chegada à hora de arregaçar as mangas e construir uma nova vida.

⁵⁵Relatório de Presidente da Província do Rio de Janeiro, disponível através do link: http://www.crl.edu/brazil/provincial/rio_de_janeiro, ano 1887, p. A1-1 e A 1-2. Acesso em 10/11/12.

⁵⁶ Idem. Op. Cit. Ano 1892. p. 19-20.

⁵⁷ De acordo com dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a Vila de Maxambomba recebeu oficialmente o nome de Nova Iguassú através da Lei nº 1.331, de 9 de novembro de 1916, por autoria do deputado estadual Manuel Reis. A grafia do nome da cidade só mudou para Nova Iguaçu tempos depois, após reformas ortográficas da língua portuguesa.

⁵⁸ Esse nome: “Nova Iguassú”, é em referência à Vila de Iguassú, área no entorno do Rio Iguassú, o que hoje são terras pertencentes ao bairro de Tinguá. “Nova” se remete justamente à nova fase da cidade depois da transferência da sede para Maxambomba.

⁵⁹ OLIVEIRA, Maria Chambarelli. “A terra onde nasceram meus filhos é a minha terra”. Teresópolis, RJ: Revista da Cidade Gráfica e Editora Ltda. 2002. p. 18-19.

2.1 Uma nova vida se inicia

Sobre a sua chegada aos treze anos de idade a Maxambomba e o restante da infância de Francisco Baroni pouco se sabe. No entanto, foram encontrados registros sobre a morte do homem que decidiu tentar a vida em terras inóspitas, seu pai José Baroni. Morreu em terras iguassuanas em 13 de agosto de 1922⁶⁰, vinte e cinco anos após a sua chegada, aos sessenta e um anos de idade.

A respeito de Francisco somente se sabe que acompanhou seu pai na intenção de trabalhar no carvão e, que de fato trabalhou, mesmo com apenas treze anos de idade, pois segundo sua nora, Euridice Soares Pires Baroni: “Ele quando veio da Itália para Nova Iguaçu, ele veio trabalhar com carvão aqui na serra do Caonze da Cachoeira. O dono eu não conhecia. Aí ele evoluiu”⁶¹. Relato repetido por Maria Chambarelli de Oliveira:

[...] Antonio Paura e Guisepe Baroni, respectivamente sogro e pai de Francisco Baroni. Este último também carvoeiro em Tinguá por muitos anos e, mais tarde, ativo empreendedor na citricultura em Nova Iguaçu.⁶²

Depois Francisco Baroni mudou de atividade profissional, tornando-se comerciante, de acordo com as memórias da sua filha Iracema Baroni, registradas no livro “Saudades de Nova Iguaçu”⁶³. Através das entrevistas realizadas e da análise das memórias de Iracema percebe-se que o importante na trajetória desse indivíduo, para a sua família, não é a sua infância dura num novo país e numa nova vida que se iniciava, mas sua ascensão social. Pois, nos registros encontrados da vida de Baroni, o foco é sempre a trajetória de sucesso que foi traçada por ele.

Margareth Rago⁶⁴, explica bem o que ocorre nessa forma de discurso ou ausência dele, no qual não se oferece importância a questões ligadas a vida pessoal do indivíduo em questão, pois o que são relevantes são os aspectos públicos da trajetória. No caso de Baroni, sua vida íntima, nesse caso os registros da infância, foi apagada da

⁶⁰ Jornal: Correio de Maxambomba, Nova Iguaçu, 07/10/1956, n. 43.

⁶¹ Entrevista realizada com a nora do Francisco Baroni, Euridice Soares Pires Baroni, concedida a autora – Rio de Janeiro, 20/08/2012.

⁶² OLIVEIRA, Maria Chambarelli. “A terra onde nasceram meus filhos é a minha terra”. Teresópolis, RJ: Revista da Cidade Gráfica e Editora Ltda. 2002. 19.

⁶³ CARVALHO, Iracema Baroni de. *Saudades de Nova Iguaçu*. Folha Carioca Editora, Rio de Janeiro – Nova Iguaçu, 1987, p. 15.

⁶⁴ RAGO, Margareth. *Audácia de sonhar: memória e subjetividade em Luce Fabri*. Revista da Associação Brasileira de História Oral, 5, 2002, p. 30-31.

sua trajetória de vida na memória familiar. Ainda que existam registros biográficos sobre a sua história, no tocante aos livros da sua filha, características de tempos em que a sua vida “era difícil” não foram registradas. Observamos, desta maneira, que Iracema Baroni ao trazer o passado do pai em suas obras, optou por enfatizar sua trajetória pública e silenciar sobre a privada. Assim, não resgatou a trajetória em sua totalidade, para que o leitor pudesse tirar suas próprias conclusões, com um “olhar de cima”⁶⁵. As estratégias do discurso de Iracema Baroni nos seus livros eram colocar o pai num espaço de vida pública, deixando os aspectos da vida íntima num plano secundário. A autora opta por não dar visibilidade à vida pessoal⁶⁶, porque justifica como relevante na vida de um laranjeiro de sucesso apenas o lado público da sua vida.

Ainda sobre o principio da vida de Francisco Baroni em terras fluminenses, sabe-se que se casou com uma prima que se chamava Francisca, fator que não era mal visto por aquela sociedade, como seria nos dias de hoje. Isso porque, é compreensível que as relações sociais de um imigrante ocorram dentro de um pequeno grupo, ou mesmo restritamente dentro do seio da própria família, já que a relação com os nativos esbarrava em barreiras culturais e de comunicação, na qual a principal delas é a língua. Além disso, existia a questão da preservação de laços consangüíneos e, se tratando dos italianos, de preservação do nome⁶⁷, fatores que possivelmente influenciaram para a união matrimonial dos dois primos.

Iracema Baroni relata que Francisco chegou a “tentar a vida em Andrade de Araújo”⁶⁸ e, a partir dessa afirmação, é possível imaginar que a cidade de Maxambomba não estava oferecendo a prosperidade que ele buscava. Na ausência de trabalho, Francisco seguia em busca de novas oportunidades de levar o sustento para a sua família. A autora também lembra que em certa ocasião, Francisco e sua esposa rumaram para Comendador Soares, abalados com a perda de dois filhos, vítimas da “febre da

⁶⁵ RAGO, Margareth. *Audácia de sonhar: memória e subjetividade em Luce Fabri*. Revista da Associação Brasileira de História Oral, 5, 2002, p. 31.

⁶⁶ Até porque, por se tratar de seu pai, as referências que a autora faz a ele são de caráter poético e apoloético, ou seja, enxergando sempre os aspectos positivos da sua personalidade e da sua vida. Não é minha intenção com esse trabalho, repetir esse tipo de biografia.

⁶⁷ Pois, para Marcel Mauss, os Italianos, como descendentes diretos do antigo Império Romano, tem como aspecto cultural a preservação do nome. Essa prática vem sendo realizada desde a antiguidade. Para saber mais, ver: Mauss, Marcel. 1985. “Une catégorie de l'esprit humain: la notion de personne celle de ‘moi’.” In: *Sociologie et Anthropologie*. Paris: PUF (Quadrige). p. 334.

⁶⁸ CARVALHO, Iracema Baroni de. *Saudades de Nova Iguaçu*. Folha Carioca Editora, Rio de Janeiro – Nova Iguaçu, 1987, p. 20.

época”.⁶⁹ Problema que afetava a cidade e seu entorno no início do século XX e, que foi solucionado com medidas do governo da província, com o Saneamento da Baixada e drenagem do Rio Iguassú.⁷⁰

Amiúde a sorte de Francisco e sua família estavam para ser transformadas. Suas vidas tomariam um rumo totalmente diferente do que havia seguido até o momento, um futuro inimaginado os aguardava. E, tudo isso se inicia quando os negócios da cafeicultura nacional passam por sérias dificuldades. Há registros do início da sua crise em documentação oficial do ano de 1897.⁷¹ Levando em consideração que o cultivo de café era responsável por 2/3 da renda fluminense, é possível pensar na urgência que se tinha na diversificação da atividade agrícola da província.

Por isso, Waldick Pereira observou que “de maneira geral a citricultura no estado do Rio de Janeiro, no que diz respeito à escala comercial iniciou devido à necessidade de diferenciar os produtos agrícolas cultivados na região”⁷². No Relatório de Presidente de Província do ano de 1902 é possível encontrar a menção às frutas como concorrentes para a elevação da renda do Estado, embora seus impostos fossem altos.⁷³ Da mesma maneira, observa-se que a transformação agrícola do Rio de Janeiro nesse momento, já passa a ser uma meta.⁷⁴

Antes disso, já em 26 de julho de 1883, através de Ofício Circular foi entregue pela província um saco de sementes para distribuição entre os lavradores iguassuanos⁷⁵. Oficialmente se incentivava uma nova agricultura na cidade. Era o início de um período de prosperidade para Nova Iguassú, ainda que efêmero e restrito a uma pequena parcela da sociedade local.

De acordo com a análise de Waldick Pereira, a exportação de laranja para a Argentina se iniciou em 1886, entretanto apenas a partir de 1904 encontram-se registros nos Relatórios de Presidente de Província. Nos documentos desse ano é possível encontrar notas sobre exportação de frutas, incluído a laranja, que foi exportada para o

⁶⁹ CARVALHO, Iracema Baroni de. *Saudades de Nova Iguaçu*. Folha Carioca Editora, Rio de Janeiro – Nova Iguaçu, 1987. p. 21. Provavelmente ao dizer “febre da época” se refere a uma doença muito comum do início do século XX em nova Iguaçu, a febre amarela. Ela era decorrente de mosquitos provenientes do ambiente pantanoso de Maxambomba.

⁷⁰ Relatório de Presidente da Província do Rio de Janeiro, disponível através do link: http://www.crl.edu/brazil/provincial/rio_de_janeiro, ano 1897, p. 70. Acesso em 11/11/12.

⁷¹ CARVALHO, Iracema Baroni. Op. Cit. p. 72.

⁷² PEREIRA, Waldick. *Cana, Café e Laranja*. História Econômica de Nova Iguaçu. RJ: FGV/SEEC, 1977, p. 113-114.

⁷³ Idem. Op. Cit. Ano 1902, p. 75. Acesso em 11/11/12.

⁷⁴ PEREIRA, Waldick. Idem. Op. Cit. p. 107.

⁷⁵ PEREIRA, Waldick. Ibidem. Op. Cit. p. 115.

Rio da Prata em 1.200.000 unidades no primeiro semestre do ano. O governo providenciou a redução no valor do frete da laranja, além da melhoria do seu transporte. Incentivos do “moço que pregara a República, em Campos⁷⁶, governador Nilo Peçanha.

Sobre a importância do incentivo do governo Nilo Peçanha para a prosperidade da citricultura em Maxambomba, Waldick Pereira observou que:

Esse estabelecimento da cultura da laranja se deve aos incentivos do governo de Nilo Peçanha, de vão desde isenção de direitos aduaneiros sobre a laranja entre Brasil e Argentina até os benéficos para plantio com o dessecamento do solo da região, através de medidas de saneamento.⁷⁷

Junto a esses incentivos somam-se outros esforços que já vinham sendo realizados pelos produtores para o avanço da agricultura provincial. Uma prova concreta disso foi a criação em 1897, da SNA⁷⁸ (Sociedade Nacional de Agricultura), que foi uma instância representativa dos interesses do setor agrícola de diferentes categorias com o principal objetivo de se contrapor ao poder e hegemonia dos cafeicultores paulistas. De acordo Sonia Regina de Mendonça, “a SNA foi criada como uma associação de amigos e lavradores com a finalidade de centralizar o exame o estudo a e colaboração para a solução dos problemas dos agricultores”.⁷⁹ É importante analisar essa instituição quando se trata de assuntos agrícolas no estado, pois era dela que vinham as decisões sobre os mais diversos aspectos do mundo rural, assim como ela fazia a distribuição de sementes, incluindo de laranja e, realizava cursos para novos produtores. Isso tudo, somente para ilustrar a mobilização dos próprios para a questão urgente da diversificação da produção do Rio de Janeiro.

Até aquele momento, Francisco Baroni não havia entrado no mercado da laranja, ainda estava ocupado com suas atividades comerciais. Contudo, é possível que pensasse no assunto, pois é de se imaginar que fosse assunto entre os homens da cidade o promissor comércio de laranjas que há pouco havia se iniciado em Maxambomba. Por isso, nos relatos de Iracema se encontra uma passagem que diz: “Rumou para Maxambomba, lá teve seu próprio negócio, um armazém ao lado da Igreja Santo

⁷⁶ SILVA, Helio. Os Presidentes: Nilo Peçanha 1909-1910. São Paulo: Grupo de Comunicação Três. 1983. p. 23.

⁷⁷ PEREIRA, Waldick. *Cana, Café e Laranja*. História Econômica de Nova Iguaçu. RJ: FGV/SEEC, 1977. p. 115.

⁷⁸ Essa instituição se localiza na Av. Brasil 9727 e, é popularmente conhecida como “Fazendinha”.

⁷⁹ MENDONÇA, Sonia Regina. Mundo rural, intelectuais e organização da cultura no Brasil: o caso da Sociedade Nacional de Agricultura. Mundo Agrário. Revista de estudos rurales, n. 1. Segundo semestre, 2000. p. 5.

Antonio”.⁸⁰ Não se sabe ao certo, porém, quando Francisco iniciou seus primeiros passos na produção de laranja, apenas que trabalhou com Alberto Coccozza & Irmão. Pois de acordo com a família: “O primeiro sócio dele foi Alberto Coccozza” .⁸¹ Porém, também não se sabe a relação com a firma mencionada era de fato de sociedade, já que as fontes analisadas não trazem este dado, mas é mais provável que Francisco tenha sido apenas um funcionário.

É importante chamar a atenção ao fato de que, nas entrevistas realizadas com pessoas ligadas a um indivíduo biografado, elas podem se ater apenas às características positivas ligadas a ele.⁸² Fator absolutamente normal se tratando de um ente querido e que pode ter gerado essa idéia da possível “sociedade” de Baroni com um grande laranjeiro da época, Alberto Coccozza e, não de uma relação de subalternidade. Entretanto, o historiador que analisa os dados para elaborar a biografia, já está ciente de que essas construções por parte da família podem ocorrer. Sobre esse assunto, Marieta Moraes Ferreira, aponta que:

A historia busca produzir um conhecimento racional, uma análise critica através de uma exposição lógica dos acontecimentos e vidas do passado. A memória é também uma construção do passado, mas pautada em emoções e vivencias; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente⁸³.

Com a experiência adquirida numa grande firma de exportação, Baroni foi inteligente o suficiente para investir todas as suas economias e todos os seus esforços em direção a produção da laranja. O ambiente e o momento eram propícios, nos registros da província do Rio de Janeiro no período de 1905 a 1910, os dados são animadores. Primeiro a notícia de exportação de laranja para a cidade de Gênova na Itália, seguida pelo constante crescimento de quantidade exportada, fruto do incentivo de Nilo Peçanha e da atuação dos produtores organizados em torno da SNA. Além disso, dados acerca dos números de arrecadação oscilavam em nada menos que 38 a 40

⁸⁰ CARVALHO, Iracema Baroni de. *Laranjas Brasileiras*. Nova Iguaçu: SMCEL, 1999. p. 18. Nessa obra a autora analisa de forma saudosista o período da citricultura iguaçuana. Da mesma forma que descreve alguns fatos da vida pessoal e profissional do pai. É possível encontrar nesse livro uma pequena biografia de Francisco Baroni e poesias exaltando a cidade.

⁸² Isso ocorre até mesmo sem que o entrevistado perceba. É uma construção da memória, é tendência que se apague as passagens “ruins” da vida e se atenha apenas as boas. Nos livros da filha de Baroni não encontramos sequer uma crítica ao pai, porém será que ele era mesmo um ser perfeito? É necessário que um olhar mais crítico seja conferido ao esse trabalho, seguindo a linha do rigor histórico.

⁸³ FERREIRA, Marieta Morais. *História, tempo presente e história oral*. TOPOI. UFF. 2007. p. 324.

milhões arrecadados.⁸⁴ O contexto era favorável a Baroni e seu investimento que seria em solo fértil, literalmente.

Observando a questão do solo da região, Manuel Ricardo Simões, geógrafo, entende que:

A existência de condições naturais propícias, como o clima quente e úmido, terrenos férteis em colinas, morros e mesmo planícies livres de encharcamento, aliadas a presença da ferrovia e sua estação e de um incentivo oficial as exportações fizeram com que, aos poucos, a laranja fosse substituindo as culturas tradicionais, já em franca decadência. No entanto, pelas suas características de cultivo, que exige freqüentes tratos culturais e um acompanhamento constante de plantação a laranja exige grande quantidade de mão de obra. A abolição da escravatura havia esvaziado as fazendas da região e deixado os latifúndios locais sem pessoal disponível para realizar qualquer tipo de trabalho agrícola, ao mesmo tempo, estes se encontravam descapitalizados e, conseqüentemente, sem condições de arcar com os custos de uma força de trabalho assalariada. A solução foi a fragmentação das grandes áreas em chácaras que facilitavam a venda ou arrendamento para pequenos produtores, igualmente descapitalizados, mas que contavam com a mão de obra familiar.⁸⁵

Diante da análise desse autor, é possível entender que as características geográficas da cidade de Nova Iguaçu e seu entorno, foram fundamentais para o início e aprimoramento do cultivo da laranja. O aspecto montanhoso da cidade, que faz dela um grande conjunto de colinas que possibilitava a plantação em espaços verticais, impedindo que fosse destruído com as constantes inundações típicas dos verões na Baixada Fluminense. Até mesmo o clima quente contribuiu para o cultivo da fruta. No que diz respeito ao escoamento da produção, a ferrovia e a estação da cidade contribuíram para o transporte de grandes cargas para o porto do centro da cidade.

⁸⁴Relatório de Presidente da Província do Rio de Janeiro, disponível através do link: http://www.crl.edu/brazil/provincial/rio_de_janeiro, ano 1905.p 26, ano 1907. p. 56, ano 1908. p. 33, ano 1910. p. 88. Acesso em 11/11/12.

⁸⁵ SIMÕES, Manoel Ricardo. Ambiente e sociedade na Baixada Fluminense. Mesquita, RJ: Editora Entorno, 2011. p. 137.

III - A CONQUISTA DE NOVA IGUAÇU: CITRICULTURA E EXPORTAÇÃO

Nesse último capítulo, será analisada a trajetória de Francisco Baroni como exportador de laranja, bem como o contexto da citricultura iguaçuana daquele período. Para isso, foi necessário o questionamento a respeito de como ele inicia seu trabalho com a laranja e como esse mercado teve seu fim, além de questões relacionadas ao universo da produção e mudanças demográficas e geográficas na cidade. Com isso, foi possível observar características da personalidade do biografado, que foram fundamentais para entender algumas decisões econômico-sociais tomadas por ele ao longo da sua vida.

A partir do ano de 1922, Francisco Baroni inicia seu trabalho de exportação de laranja, de acordo com o livro de Iracema Baroni. Contudo, como a colheita de safra se inicia após quatro anos⁸⁶ no mínimo, após a plantação das laranjeiras, se ele foi o plantador da sua primeira produção, é possível que já em 1918 ele tenha iniciado o cultivo dos frutos. Ou, numa segunda hipótese, simplesmente, pode ter comprado a produção de algum sítio local⁸⁷. Entretanto, sobre a primeira exportação de Francisco Baroni, Iracema observou que:

Associando-se à firma Damiam & Scuore, neste ano⁸⁸, Francisco Baroni começa a exportar laranja. Deixando para trás o seu pequeno ramo de negócios com armazéns.

Neste ano de 1922, o mercado consumidor mais expressivo para a laranja era o argentino. A fruta sem classificação ou padronagem e em caixas já usadas no transporte de cebolas, era para ali remetida. Também, nessa época, já se enviava laranja em sacos de amiagem para o mercado de São Paulo, ainda incipiente. Estavam, pois, dessa forma, praticamente estabelecidas as bases para um novo tipo de transação comercial, que haveria de produzir resultados mais significativos para a economia nacional; e proporcionar, conseqüentemente, para Nova Iguaçu, os fundamentos da riqueza produtiva. Iniciava-se, então aquilo que haveria de fazer com que Nova Iguaçu fosse conhecida como a “Califórnia do Brasil”, grangeando

⁸⁶Fonte: SEAGRI (Secretaria de Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária), através do link: <http://www.seagri.ba.gov.br/Laranja.htm> Considerando-se início de produção, aos 4 anos de vida colhe-se 100 frutos por laranjeira/ano, 150 frutos (5º ano), 200 frutos (6º ano), 250 frutos (7º ano), 300 frutos (8º ano), em geral.

⁸⁷ O questionamento sobre o início da carreira de Francisco Baroni na citricultura foi tema de perguntas nas entrevistas realizadas com Iracema Baroni e Sonia Baroni, contudo não obtive sucesso, nas respostas, as entrevistadas não se recordam dos detalhes sobre esse assunto. Ficando assim, a hipótese de que Francisco tenha comprado a produção de algum sítio local.

⁸⁸ A autora se refere, justamente, ao ano de 1922.

também, para a sua jovem Sede o lisonjeiro apelido de “Cidade Perfume”⁸⁹. Data, portanto, dessa época, se me permitem, a fixação da indústria do beneficiamento de laranja iguaçuana; que traria consigo muitas venturas, mas que por falta de uma adequada política econômica baseada em diretrizes financeiras sólidas, também haveria de determinar injustamente o inverso. [...] ⁹⁰

Sendo assim, é possível observar que a firma de exportação de Francisco iniciou de forma rudimentar. Como prova disso, a autora chama a atenção à exportação em caixas reaproveitadas, provenientes do transporte de cebolas. Contudo, mesmo nessas condições já havia dois mercados consumidores na sua lista inicial: São Paulo e Argentina.

Ainda sobre o princípio da citricultura, sob um olhar geográfico, Manoel Ricardo Simões também concluiu que:

A nova história de Iguazu, portanto, passa a ser contada a partir da consolidação do cultivo da laranja no entorno de Maxambomba. O curto, mas significativo, ciclo da citricultura consolida a captura de grande parte da Baixada Fluminense para a sua órbita de influência e, principalmente, cria as condições para a permanência desta primazia após a decadência e o fim deste ciclo. Devemos, então, passar a análise deste processo de nascimento, consolidação e extinção da citricultura na Nova Iguazu.⁹¹

Prosseguindo na sua análise sobre o período, o autor salienta que a mudança do nome para Iguazu, unida à consolidação como centro de atividades econômicas, são fatores que estão diretamente ligados ao surgimento e a evolução da citricultura na cidade. Além, de outro fator importantíssimo que também influenciou para isso: a construção da estação da linha férrea Iguazu. A linha férrea se tornou imprescindível para o escoamento da produção, que saía da cidade seguindo em direção ao cais do porto no centro da cidade do Rio⁹².

No que diz respeito à mão de obra para a produção da citricultura, Manoel Ricardo Simões, analisa que houve um crescimento acelerado da população rural, o que foi acompanhado da fragmentação de terras em pequenos lotes rurais. São massas de famílias inteiras que são atraídas para trabalhar na produção de laranjas como proprietários, meeiros ou assalariados. Esses trabalhadores, por conseguinte, faziam das chácaras de produção suas moradias. Segundo Sonali Maria de Souza, o período da citricultura acarretou o crescimento da população da cidade, pois:

⁸⁹ Cujo apelido foi elaborado pelo poeta local, Jarbas Cordeiro.

⁹⁰ CARVALHO, Iracema Baroni de. *Laranjas Brasileiras*. Nova Iguaçu: SMCEL, 1999. p. 31.

⁹¹ SIMÕES, Manoel Ricardo. *Ambiente e sociedade na Baixada Fluminense*. Mesquita, RJ: Editora Entorno, 2011. p. 137.

⁹² Veremos o assunto do escoamento da produção logo à frente.

As possibilidades de trabalho na citricultura implicaram um deslocamento de população rural em direção a Nova Iguaçu. Entre os anos de 1920 e 1940 esse foi o município que mais cresceu percentualmente no país, saltando de uma população de 33.396 para 140.606 habitantes. Nesse período, tal crescimento deveu-se em parte ao crescimento de população urbana em São João de Meriti, Nilópolis e Duque de Caxias, que já apresentavam crescente processo de loteamento urbano, notadamente em áreas próximas às estações ferroviárias, e para o qual também concorreram as obras federais de saneamento na década de 1930 e a eletrificação da Central do Brasil a partir de 1935. Entretanto, é inegável a atração populacional devida a laranja, o que se pode concluir através de depoimentos como alguns aqui já citados, ou através da verificação de que o crescimento populacional se deu também nos distritos essencialmente agrícolas (Nova Iguaçu, Cava, Queimados e Bonfim), sendo mais acentuado no distrito de Nova Iguaçu, onde se concentrava o cultivo de laranjeiras.⁹³

Isso ocorreu devido às notícias do sucesso da produção de laranja e devido à expulsão de populações das áreas de outros tipos de cultivos, ainda de acordo com a autora. Eram pessoas que, assim como Baroni, buscavam uma oportunidade de trabalho em terras novas. Esses contingentes populacionais encontraram em terras iguaçuanas, da mesma forma que o nosso ator em questão, ainda que de um ponto de vista distinto, uma forma de suprir suas necessidades se adequando a um local novo e uma nova maneira de viver.

A ocupação populacional e a fragmentação territorial fizeram com que cidade tivesse pequenas chácaras e laranjais compondo a sua paisagem em direção a serra de Madureira. A citricultura, no que concerne à paisagem local, foi responsável também pela divisão de terras, para a venda ou arrendamento. Segundo Sonali Maria de Souza:

[...] foram implantados em toda a área ocupada pela citricultura os barracões de laranja, ou seja, grandes galpões onde se processava o beneficiamento. Esses centros de beneficiamento foram construídos nas proximidades das estações ferroviárias dos pequenos núcleos urbanos da área produtora e ainda hoje podem ser vistos, em geral ocupados por supermercados.⁹⁴

Esses barracões de produção de laranja eram os locais para onde a colheita era direcionada, para que ali sofresse o processo de beneficiamento, ou seja, de melhora da qualidade do produto. Assim, eram nos barracões, ou “Packing Houses” como eram conhecidos, que a laranja era lavada, secada, embalada e encaixotada. Por sua vez, os caixotes recebiam o selo da empresa que realizava esse processo de beneficiamento e que se responsabilizava por exportar o produto. No caso da empresa de Baroni, recebia

⁹³ SOUZA, Sonali Maria de. *Da Laranja ao Lote*. Transformações Sociais em Nova Iguaçu. RJ: Dissertação de Mestrado pelo Museu Nacional, 1992. p. 67-68.

⁹⁴ SOUZA, Sonali Maria de. *Da Laranja ao Lote*. Transformações Sociais em Nova Iguaçu. RJ: Dissertação de Mestrado pelo Museu Nacional, 1992. p. 68..

o selo da firma: Laranjas Brasileiras, no qual continha, como identificação, a imagem do grito de independência proclamado por D. Pedro⁹⁵. Além disso, continha no selo as inscrições “Francisco Baroni & Filho⁹⁶; Plantadores e exportadores; Nova Iguaçu – E. do Rio de Janeiro; Brasil”.⁹⁷

Sonali Maria de Souza explica mais detalhadamente como era realizado o trabalho dentro dos “Packing House”:

Nessas casas de embalagem desenvolviam-se as seguintes operações: seleção dos frutos pelo tamanho padronizado para comercialização, seleção pelo aspecto, lavagem, brunimento, embrulho em papel de seda, encaixotamento. A caixa de laranja continha em média 250 frutos, e nela era imprimida a marca do proprietário do barracão e a localidade de procedência. Eram empregados em cada centro de beneficiamento cerca de cem trabalhadores, entre homens e mulheres, constituindo um mercado de trabalho importante, assim como a indústria de confecção de caixas.

O transporte era feito por caminhões das áreas de cultivo para os centros de beneficiamento e de lá para a estação ferroviária, seguindo de trem para o Rio de Janeiro.⁹⁸

Sobre o universo dos “Pakings Houses”, a nora de Francisco, Dona Euridice Baroni recorda que:

Todos eles eram todos com todo conforto. Campo Grande era um, Limeria dois grandes, em NI onde hoje é o restaurante popular. Eram muitos funcionários, a maioria moças para se embalar. Todas eram embaladas em papel fino e levavam o nome da firma com o grito da independência. Era muito bonito. Ele era muito caprichoso. Ele tinha frota de caminhão para transportar laranja. Onde hoje é a associação rural, ali era que encostava os vagões, ia para a Central. A laranja era embarcada para ir ao cais do porto e aí de navio para a Argentina.⁹⁹

Francisco Baroni possuiu três barracões de laranja, dois na cidade de Nova Iguaçu e um em Campo Grande, como se pode observar no relato. As construções dessas casas foram entre os anos de 1925 e 1930, isso mostra claramente como os negócios corriam bem para a família na década de vinte. De imigrante pobre e sem perspectivas, Baroni passa a ser um dos grandes exportadores de laranja da região

⁹⁵ Segundo a neta de Baroni, Sonia Baroni, o avô usou esse nome na sua marca “Independencia”, como uma homenagem ao Brasil, terra que tanto amou. Entrevista realizada com a neta de Francisco Baroni, Sonia Baroni. Concedida a autora – Rio de Janeiro, 09/08/2013.

⁹⁶ Em referência ao seu filho José Baroni Neto, o qual trabalhava na produção de laranja iguaçuana, assim como o pai. Segundo, Dona Euridice Baroni, esposa de José Baroni e nora de Francisco Baroni, ambos “eram sócios”.

⁹⁷ O selo da firma de Baroni se encontra em anexo neste trabalho.

⁹⁸ SOUZA, Sonali Maria de. *Da Laranja ao Lote*. Transformações Sociais em Nova Iguaçu. RJ: Dissertação de Mestrado pelo Museu Nacional, 1992. p. 58.

⁹⁹ Entrevista realizada com a nora de Francisco Baroni, Dona Euridice Soares Baroni. Concedida a autora – Rio de Janeiro, 01/08/2013.

empregando centenas de funcionários e prosseguindo em direção ao novo e rentável mercado de laranjas. Dona Euridice, que acompanhou de perto esse período, explica como funcionava a produção de cada um desses barracões, ao ser questionada se Baroni acompanhava pessoalmente as colheitas das frutas:

Época da exportação de Limeira era maio, junho, julho, em agosto vinha embora. Daqui ia para Campo Grande, quando terminava a safra ia para Nova Iguaçu. O barracão de Nova Iguaçu era um dos melhores, mas todos tinham conforto. Eles acompanhavam toda a produção, íamos para lá, se alugava casa com todo o conforto. Quando terminada íamos embora.¹⁰⁰

No que concerne a essa conjuntura da produção de laranja, Iracema Baroni, expõe no seu livro que o “rei da laranja” não media esforços para a melhora e boa aparência do seu produto no mercado consumidor. Afirma também que, sem “amparo estadual adequado”¹⁰¹, ficava a produção vulnerável diante da imposição dos que intermediavam o processo de compra e venda. Essa ausência de um relativo apoio estatal no processo de exportação foi uma grande crítica realizada pela autora em seus livros. A autora elabora uma lista dos maiores exportadores do fruto em Nova Iguaçu, são eles: “Francisco Baroni, Alberto Coccozza, Antonio de Oliveira, Vaz Martins, Vaz Teixeira, Carmine Papaléo, Angelo Di Gregório, Pantaleão Rinaldi, Emanuele Duccini. Homens vindos de outras pátrias de além mar, em Nova Iguaçu se fixaram [...]”¹⁰²

A produção de laranja iguaçuana era voltada para a exportação, segundo Sonali Maria de Souza e, nos finais dos anos vinte, essas exportações já se voltavam para o mercado europeu. No ano de 1929, o país que mais importava as laranjas iguaçuanas era a Argentina, em segundo lugar a Inglaterra, Alemanha e Holanda. Para uma melhor análise quantitativa da produção, podemos perceber que, em números reais, no ano de 1928, enquanto São Paulo exportou 205.379 caixas de laranja, o Rio de Janeiro exportou 432.738. Além disso, a produção a partir da década seguinte cresceu consideravelmente, principalmente município de Nova Iguaçu, que em 1931, foi responsável por 700.181 caixas, de um total de 1.281.461 exportado pelo Rio de Janeiro. Já em 1934 o Brasil exportou 2.631.837 e apenas quatro anos depois, 5.487.043. Nos anos de 1938 e 1939, a exportação de caixas de laranjas alcançava o seu

¹⁰⁰ Entrevista realizada com a nora de Francisco Baroni, Dona Euridice Soares Baroni. Concedida a autora – Rio de Janeiro, 01/08/2013.

¹⁰¹ CARVALHO, Iracema Baroni de. *Laranjas Brasileiras*. Nova Iguaçu: SMCEL, 1999. p. 32.

¹⁰² CARVALHO, Iracema Baroni de. *Laranjas Brasileiras*. Nova Iguaçu: SMCEL, 1999. p. 32.

nível máximo e, em 1939 somente Nova Iguaçu, exportou 2.111.618, se tornando nesse ano o maior exportador nacional.¹⁰³

É importante lembrar que a conjuntura mundial desse período, possivelmente, era desfavorável à exportação, devido à Grande Crise de 1929. Contudo, o único registro encontrado a respeito desse revés durante a pesquisa para esse trabalho foi nos Relatórios de Presidente de Província de 1930, segundo o qual “a crise mundial pode ser sentida pela economia fluminense, há baixa na procura pelo café e pelos outros produtos”¹⁰⁴. Entretanto, a mesma fonte aponta que: “Não poderia abater o desanimo, pois a cultura da laranja já estava instituída em NI e dois grandes centros de beneficiamento já estavam instalados”.¹⁰⁵ Como Eric Hobsbawm analisa, “Curiosamente, o senso de catástrofe e desorientação causado pela Grande Depressão foi talvez maior entre os homens de negócios, economistas e políticos [...]”¹⁰⁶ Dessa maneira, é possível pensar que se houve interferência da crise nas exportações de laranja, devem terem sido poucas e efêmeras, já que não existem registros orais ou bibliográficos sobre o assunto.

Diante desse avanço, a cidade de Nova Iguaçu muda de quadro. Residências passam a surgir no centro da cidade e a paisagem rural também se altera, as plantações de laranjas aparecem cada vez mais nas planícies do município e não mais somente nas colinas. Segundo Waldick Pereira, os números de estabelecimentos comerciais se multiplicam, abrindo perspectivas para a população local. Prosseguindo na análise, ele conclui:

Eis o fenômeno da expansão da citricultura que viria dar surgimento aos muitos bairros de hoje. Fazendas decadentes e terras antes improdutivas e abandonadas transformavam-se em laranjais, o que já não ocorria apenas nas áreas rurais. A cidade estava pontilhada de chácaras e sítios. A terra adquiriu surpreendente valorização. Alguns proprietários não resistiram à tentação das ofertas e vendiam ou arrendavam suas terras para a cultura da laranja.¹⁰⁷

¹⁰³ SOUZA, Sonali Maria de. *Da Laranja ao Lote*. Transformações Sociais em Nova Iguaçu. RJ: Dissertação de Mestrado pelo Museu Nacional, 1992. p. 58-59.

¹⁰⁴ Relatório de Presidente da Província do Rio de Janeiro, disponível através do link: http://www.crl.edu/brazil/provincial/rio_de_janeiro, ano 1930, p. 15. Acesso em 10/11/12.

¹⁰⁵ Idem. p. 18.

¹⁰⁶ HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914/1991*; tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 98.

¹⁰⁷ PEREIRA, Waldick. *Cana, Café e Laranja*. História Econômica de Nova Iguaçu. RJ: FGV/SEEC, 1977, p. 124.

Era uma “Nova cidade”, que em 1916 passava a se chamar “Nova Iguaçu”. Tudo estava mudando, a população crescia vertiginosamente, o comércio acompanhava essa demanda. Existia no seio social uma hierarquia de classes onde os “Barões da Laranja”, ocupavam o topo da pirâmide. Muitos imigrantes europeus estavam dentro desses nomes e Francisco Baroni, estava tendo a oportunidade que precisava para colocar sua “personalidade progressista”¹⁰⁸ em cena.

3.1 Francisco Baroni dentro da “sociedade laranjeira”

Francisco Baroni, no seio desse quadro, fazia seu nome naquilo que denomino de “sociedade laranjeira”. No ano de 1924, fica pronta a sua bela residência na Rua Barão de Tinguá e transfere a sua família para a casa nova¹⁰⁹. Uma família, não mais de imigrantes pobres, mas de importância social para a cidade. Junto a isso, Baroni faz questão de buscar a mãe que há décadas não via, pois havia ficado na Itália. Era um momento de sucesso em vários aspectos da vida do carvoeiro que virou empresário do ramo das exportações. Segundo Iracema Baroni:

Nesse tempo em que Nova Iguaçu iniciava seu progresso, as safras de laranja eram esperadas com muita alegria pelo fato de proporcionarem os empregos e movimentar o comércio ainda pequeno. Muitos acontecimentos felizes e muitos negócios favoráveis para a nossa cidade [...] ¹¹⁰

Em 1932, constitui a sua firma de exportação, cujo nome era Francisco Baroni e Filho. Nesse ano, Iracema Baroni observa que a produção de laranja alcançou a quinta colocação na balança comercial nacional. Isso representava o progresso da citricultura local e o gerava orgulho para os exportadores. Assim sendo, no ano de 1933, a autora afirma que “vamos encontrar a firma Francisco Braoni & Filho no auge da sua vitalidade econômico-financeira. Pautando suas normas de transacionar, como sempre o fez, dentro dos mais rígidos critérios de honestidade.”¹¹¹

¹⁰⁸ Observação feita pela neta Sonia Baroni. Entrevista realizada com a neta de Francisco Baroni, Sonia Baroni. Concedida a autora – Rio de Janeiro, 09/08/2013.

¹⁰⁹ Informações retiradas de resumos escritos pela filha Iracema Baroni, provavelmente destinadas à confecção das suas obras.

¹¹⁰ Informações retiradas de resumos escritos pela filha Iracema Baroni, provavelmente destinadas à confecção das suas obras.

¹¹¹ CARVALHO, Iracema Baroni de. *Laranjas Brasileiras*. Nova Iguaçu: SMCEL, 1999. p.36.

Desse período áureo da produção de Baroni, sua nora Euridice Baroni, lembra com nostalgia:

Dinheiro na época da laranja era água. Ele veio como imigrante. Era pobre. A casa dele, que cometeram o crime de vender, com a morte dele. Naquela época a casa, era um casarão, era o ponto turístico de Nova Iguaçu. As grandes recepções eram feitas lá, até aquele grande tenor italiano ele recebeu na casa dele. As grandes autoridades que vinham a Nova Iguaçu, o ponto de encontro era na casa do Sr. Baroni.

A frota de caminhão dele era uma coisa linda, ele trocava os caminhões todos os anos, ele era muito caprichoso, vaidoso. Todo mundo respeitava ele.

O primeiro carro de Nova Iguaçu foi do seu Baroni, era uma baratinha. A primeira Fiat que entrou em Nova Iguaçu foi do meu sogro. Vinha tudo de fora, da Europa. Lindo carro, quando ele saía ficava assim de gente.

Conforme o evento nós saíamos muito, todo domingo nós íamos às praias, na Barra de Guaratiba, gastávamos duas horas. Íamos com amigos, ele levava convidados, levava caminhões, almoçávamos lá. Como festeiro, ele era sempre presidente nas festas, na igreja de Santo Antonio. Ele procurava colaborar com as igrejas, que eram pequenas.¹¹²

Sobre a vida social de Francisco Baroni, como foi possível observar, durante as pesquisas, que Dona Euridice estava certa, era bem dinâmica durante essa fase. Afinal, um homem com tantos títulos era uma pessoa que deveria participar de diversos ambientes sociais. De acordo com a obra de Iracema Baroni, seu pai, Francisco, recebera diversas distinções reveladoras de seu prestígio junto à sociedade naquele momento:

Foi nomeado Comendador pela Ordem de Concórdia de Roma, além da representação do consulado da Itália em Nova Iguaçu.

Recebeu a insígnia da Augusta Cruz Pro – Ecclesia ET Pontífice pelo Papa Pio XII, na sua casa com a presença do embaixador na Itália e do Bispo Diocesano D. José Coimbra.

Recebeu da Itália a estrela “Labour”, estrela da solidariedade.

Foi sócio da “Sociedade Fuscaldense de Mútuo Socorro e Beneficência.”

Foi sócio do Hospital de Iguaçu.

Foi sócio do Aero Clube de Nova Iguaçu.

Recebeu prêmio pela exposição de laranjas em Petrópolis.

Recebeu título de Cidadão Iguaçuanos, foi o primeiro a receber esse título, devido à sua participação na vida social e econômica do município.

Foi primeiro tesoureiro do bloco de carnaval dos italianos, “pega e deixa”.

Foi presidente e tesoureiro do Sport Clube Iguaçu.

Fez parte da Loja Maçônica de Nova Iguaçu.¹¹³

E, segundo a nora, Dona Euridice Baroni, quando questionada sobre as melhorias que Baroni forneceu à cidade ela descreve que, entre várias, estavam: “Sporte Club, Hospital Iguassú e Lar de Jesus.”¹¹⁴

¹¹² Entrevista realizada com a nora de Francisco Baroni, Dona Euridice Soares Baroni. Concedida a autora – Rio de Janeiro, 01/08/2013.

¹¹³ CARVALHO, Iracema Baroni de. *Saudades de Nova Iguaçu*. Folha Carioca Editora, Rio de Janeiro – Nova Iguaçu, 1987. p.33. Alguns dos itens expostos acima foram comprovados mediante o trabalho de História Oral com o trabalho de entrevistas, que foram e serão expostas ao longo deste capítulo.

Dessa forma é possível perceber o quanto esse indivíduo era conhecido na cidade e como era reconhecido, com prestígio pela sociedade da época. Isso deixou marcas na memória familiar, como demonstra a fala de Dona Euridice, ao ser questionada a respeito do caráter de Baroni: “Uma criatura muito boa, honestíssimo, muito imponente, muito orgulhoso, era italiano calabrês né. Boa criatura. Fez muita gente”.¹¹⁵ Além de contribuir com algumas melhorias para a cidade, ela enfatiza que ele gostava de contribuir com o crescimento de algumas pessoas, pois segundo ela: “Casei em 1933, ele já era o seu Baroni do dinheiro. Ele ajudava todo mundo que pedia, enriquecia quem chegava perto dele. Já tinham a firma, ajudavam na construção com os caminhões”.¹¹⁶

A neta, Dona Sonia Baroni, descreveu a visão que Baroni deixou marcada na sua mente de criança¹¹⁷:

Vovô faleceu eu tinha 10 anos, mas o que eu me lembro dele é a personalidade marcante, o patriarca que ele era. A família era toda apaixonada por ele. A vovó era doce, do lar que cuidava dos filhos e vovô era um empreendedor. Não falava muito, não falava bobagem, as palavras dele tinham um peso, uma firmeza. Ao mesmo tempo que ele tinha a coluna erguida, pelo pioneiro, pelo desbravador que ele criou essas máquinas. Mas ao mesmo tempo ele era amorosíssimo, era um pai amoroso, era amigo dos imigrantes, os imigrantes procurava por ele e ele dava acolhida a todos. Ele era farto, ele cresceu em situação extremamente precária, porque o pai dele casou de segundas núpcias, e ele era filho único, o que ele tinha do pai doou para os irmãos e ficou apenas com um tacho de lembrança do pai. E foi cuidar da vida. E minha avó contava que no começo a mobília deles era feita de caixotes. Era uma criatura que, naquele tempo, sendo honesto e trabalhador, tinha um futuro lindo.

Eu me lembro que, mamãe sempre apaixonada pelo pai, falava que a palavra dele valia assinatura dele. Então era o crédito no banco em tudo. Quando ele adquiriu a posse ele tinha a coluna erguida, mas não perdeu a solidariedade de acolher os outros. Nas reuniões de família tinha os comentários.¹¹⁸

¹¹⁴ Entrevista realizada com a nora de Francisco Baroni, Dona Euridice Soares Baroni. Concedida a autora – Rio de Janeiro, 01/08/2013. Lar de Jesus, é uma casa espírita da cidade.

¹¹⁵ Entrevista realizada com a nora de Francisco Baroni, Dona Euridice Soares Baroni. Concedida a autora – Rio de Janeiro, 01/08/2013.

¹¹⁶ Idem.

¹¹⁷ Pelo rigor histórico-metodológico que busquei, ao realizar esse trabalho, não posso deixar de chamar a atenção do leitor ao fato de que foram entrevistados apenas membros da família, por isso possuo relatos bastante saudosistas daquela época e do sujeito em análise, Francisco Baroni. Não significando que este homem tenha sido exatamente a figura que imaginamos ao lermos essas linhas. Certamente, esse homem tinha inimigos, assim todo o ser humano ao longo de toda a história. O fato é que, o fundamental nesse trabalho é analisar uma personalidade escolhida por sua trajetória dinâmica e enxergar a conjuntura local à luz da sua vida. Como já informei antes, a intenção dessa monografia não é traçar uma biografia apologética sobre Francisco Baroni, ainda que os relatos que foram colhidos tenham esse caráter.

¹¹⁸ Entrevista realizada com a neta de Francisco Baroni, Sonia Baroni. Concedida a autora – Rio de Janeiro, 09/08/2013.

Dentro daquilo que se chama história-oral, na qual se aborda o trabalho com entrevistas, é possível perceber que, existe em algumas falas, elementos cuja solidificação da memória foi tanta, que passa a fazer parte da própria essência da pessoa. Dentro do discurso da neta, observamos memórias que não eram dela, mas sim da sua mãe. Sobre esse assunto, Michael Pollack, explica que os elementos que constituem a memória individual ou coletiva são os acontecimentos vividos pessoalmente ou os acontecimentos que tiveram tanta importância para o local que a pessoa toma para o seu discurso, ainda que não tenha participado do fato, ou seja, “vividos por tabela”. A memória também é formada por pessoas, e por lugares. “No caso dos lugares, a pessoa pode lembrar de um lugar da infância mas não da data real da vivência. Ou pode nem ter vivido, mas ter o lugar na lembrança ‘por tabela’”.¹¹⁹ Esses elementos são importantes para melhor compreender o discurso utilizados para descrever a personalidade de Baroni, por Sonia.

Ainda pensando na trajetória de Baroni no seio da sociedade laranjeira, podemos analisar as respostas da própria filha, Iracema Baroni, ao ser questionada sobre as questões ligadas ao caráter do pai. Segundo ela:

Meu pai foi um grande batalhador do trabalho, trabalhou muito em prol do progresso e deixou um nome na história de Nova Iguaçu, Francisco Baroni. Meu pai foi um grande homem dessa terra, tudo que era feito, ele participava. Era católico apostólico romano, ele quem fez as Igrejas daqui. Ele era um grande amigo do padre João. O padre João não fazia nada sem ele, na igreja de Santo Antonio.¹²⁰

Um fator positivo dos relatos, segundo Gwyn Prins¹²¹, é a questão da memória de longo prazo, ou seja, as lembranças da revisão da vida, na qual o indivíduo analisa o “poço de informações” e trás a lembrança fatos até mesmo da infância. Na experiência de entrevistar Iracema Baroni, percebi falas com intensos detalhes, como datas e endereços, além dos perceptíveis relatos saudosistas da sua época, de como as coisas eram melhores e funcionavam de forma harmônica. De como o seu pai era um grande homem, patrão e patriarca, a maneira como era sério, responsável, cumpridor de seus compromissos e da sua palavra. Todos esses detalhes chamam a atenção na narrativa que se colheu da entrevistada.

¹¹⁹ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol 2, n. 3, 1989. p. 4.

¹²⁰ Entrevista realizada com a filha de Francisco Baroni, Dona Iracema Baroni. Concedida a autora – Rio de Janeiro, 09/08/2013.

¹²¹ GWYN, Prins. *História Oral*. A escrita da história. São Paulo: Editora Unesp, 1992. p. 163.

Assim, é inegável que Baroni se destacava pela sua trajetória da vida. E isso devia ser reconhecido na época, certamente. Como já foi citado na fala da Dona Euridice, aquele era o tempo dos grandes banquetes que Baroni promovia na chegada de grandes autoridades políticas à cidade. Numa dessas ocasiões, conforme relata Iracema, em seu livro, ele recebe o então Ministro da Agricultura, Odilon Braga, em 1936, por ocasião da inauguração do terceiro barracão de Baroni. O ministro representava o Presidente da República. É claro que Baroni era de fato, o grande personagem naquela ocasião, pois o barracão inaugurado era dele e além disso, o banquete foi realizado na Sport Club Iguaçu, cuja construção apoiou e que, até os dias de hoje, possui um estádio que carrega o nome de “Estádio Francisco Baroni”.

Como Iracema relata, “as visitas eram freqüentes em Nova Iguaçu”¹²², e personalidades como: o Ministro das Finanças do Canadá, os senadores Gilberto Marinho e Pereira Pinto, assim como os governadores do estado, Amaral Peixoto e Edmundo de Macedo Soares; são recebidas na cidade, devido à citricultura. Além disso, no ano de 1932, o presidente Getúlio Vargas visita também a cidade, porém dessa vez a visita seria sem banquetes, pois:

O presidente Getúlio Vargas, não saiu da estação. Foi o único político que não saiu da estação. Estava num trem especial, ele e a comitiva dele. Tinha terminado a guerra aqui de São Paulo, guerra dos partidos. O trem ficou parado e Nova Iguaçu assim de gente. Ele quem criou o INPS, as leis trabalhistas ele criou, nos não tínhamos leis trabalhistas.¹²³

Receberam destaque na pesquisa para a elaboração desse trabalho, as reportagens da época no jornal local: “Correio da Lavoura”, o qual foi um verdadeiro diário sobre a citricultura iguaçuana, pois acompanhou cada momento, desde os avanços até os períodos de retração. Na edição de 4 de março de 1938, ano em que a produção de laranja estava no seu ápice industrial, é possível observar o orgulho local, revelado pelo jornal quando tratava da citricultura:

A fruticultura

Merece também especial atenção a citricultura, que se está desenvolvendo com expectativas promissoras. Lavoura nova, de dez anos para cá, tomou um impulso notável. Presentemente, a nossa exportação eleva-se acima de cinco milhões de caixas por ano, aproximadamente. Estamos elaborando um projeto para a fiscalização dos pomares, e para evitar a venda de mudas doentes, cuja formação não obedeça á technica exigida. O ministerio estuda também a applicação que devemos dar ás frutas impróprias para a

¹²² CARVALHO, Iracema Baroni de. *Laranjas Brasileiras*. Nova Iguaçu: SMCEL, 1999. p. 38.

¹²³ Entrevista realizada com a nora de Francisco Baroni, Dona Euridice Soares Baroni. Concedida a autora – Rio de Janeiro, 01/08/2013.

exportação, pesquisando em laboratórios métodos de produzir sub-productos, e meios de coloca-los no mercado interno.¹²⁴

Esse mesmo jornal realizou entrevistas com o biografado, Francisco Baroni, no ano de 1933. A finalidade delas era entender o andamento da produção de laranja, assim como ouvir de Baroni quais eram as suas maiores preocupações e anseios sobre o escoamento da produção e os incentivos do governo. Baroni mostrou, mais uma vez, seu destaque naquela sociedade, como exportador, ao ser o personagem escolhido para a entrevista, a qual se tornou demasiadamente longa, tendo de ser dividida em cinco edições. Decreve-se a seguir, algumas questões relevantes, pautadas na entrevista de Baroni e que se destacaram por denotar características da personalidade desse ator, das quais, sem dúvida, a que mais chama a atenção é a eloquência e inteligência na fala daquele que aos treze anos trocara a escola pela produção de carvão.

Julga os transportes dos pomares para as “Packing-houses” já eficientes?

Os transportes já não deixam a desejar, devido a serem feitos com relativa rapidez, e já contarmos com estradas relativamente bem conservadas. Acontece, porém, que nem todos nós estamos suficientemente aparelhados com material apropriado para este fim, ou seja, com caixas de construção especial de modo a garantir a perfeita conservação dos fructos durante as viagens, que, embora rápidas, nem sempre deixam de ser longas.

E quanto a limpeza dos fructos, o que poderá dizer-nos?

Sobre esse detalhe devo informar que cada qual procura conseguir a melhor apresentação para seus fructos, uma vez que é a boa aparência o factor que consegue dar-lhes a melhor cotação nos mercados revendedores.

Essa parte do beneficiamento é mesmo tratada com zelo, que embora não seja excessivo, não perderia por ser menos enérgico, visto não ser possível remover com este capricho os inconvenientes que já nos vieram dos pomares, da carga, transporte e descarga.

Não fosse o factor, aliás convincente, chamado – aparência – e poderíamos prescindir da custosa e interminável maquinaria hoje empregada para o beneficiamento externo dos fructos, porque não conseguimos com o seu uso mais que dar-lhe um brilho bonito, muita vezes em desarmonia com o estado de conservação interna dos fructos, que, às vezes, deixa a desejar.

Durante a lavagem dos fructos já usamos uma solução chimica que consegue neutralisar os mesmos contra a obra destruidora dos parasitas, ou seja, os fructos assim tratados, ficam mais ou menos isentos de subseqüentes estragos.

É rigorosa a escolha dos fructos destinados a exportação?

A escolha dos fructos é feita de accordo com o critério de cada exportador.

Alguns exportadores preocupam-se com o credito e a melhor qualidade, enquanto que outros se preocupam exclusivamente com a quantidade.

E a embalagem, obedece ao mesmo critério?

Não. Algumas marcas conservam a supremacia, enquanto que outras tentam iguala-las, podendo-se considerar esta parte do serviço bastante satisfatória e a aparência geralmente boa.

O que poderá dizer-nos a cerca do primeiro inconveniente?

Quanto a melhor maneira de preservar os pomares pouco posso adeantar. Teria que repetir o que já todos sabem.

¹²⁴ Jornal Correio da Lavoura, Nova Iguaçu, 04/03/1938. p. 1. Escrita da época na íntegra.

Cada um procura, com os conhecimentos que possui, frutos da experiência, às vezes amarga, livrar seus pomares da melhor maneira possível.

Sabemos existirem métodos científicos e complicados mas estes são do exclusivo conhecimento dos agrônomos que o Ministério da Agricultura nos prometeu, mas não mandou.

O que poderá dizer-nos a cerca da colheita?

O método mais vulgarizado é o de “torção”. Quase todos os exportadores lhe dão preferência, provavelmente devido a ser mais rápido.

Nós, porém, usamos a cerca de dois anos o método de apanha com alicate.

Julgamo-o mais eficiente, devido a não permitir tão facilmente a avaria dos frutos, pelo facto de não força-los nas hastes, o que evidentemente não poderá succeder com a “torção”, a qual não raro os inutiliza completamente.

As nossas “Parking-Houses” são bem aparelhadas?

Quanto ao aparelhamento, contamos com algumas que se podem considerar perfeitas. Sendo ainda pequeno o seu número, devido ao custo elevado de suas montagens, nem sempre ao alcance de qualquer exportador, notadamente d’aqueles que se improvisam exportadores, quando os negócios parecem promissores.

E sobre a fiscalização no caes do porto?

Felizmente, estivemos sempre bem amparados pela boa vontade e capacidade demonstrada pelo técnico responsável por essa fiscalização, o qual, compreendendo bem os deveres inerentes à sua função, tem sabido fazer justiça, e auxiliá-los, em tudo que lhe tem sido solicitado.

Julga então perfeita a fiscalização no caes?

Perfeitamente. Não poderíamos desejar melhor.

Fossem todos os responsáveis por esses serviços (o da fiscalização) tão preparados e de boa vontade quanto esse, e não teríamos queixas a formular.

E o transporte até o caes, por estrada de ferro, é perfeito?

Se o quisermos comparar com o transporte conseguido há annos atrás, podemos considera-lo regular, porque em tempos idos o embarque, ou melhor o transporte até o caes era feito em vagões serie H, ou seja, em carros de transportar gado vivo.

Actualmente a Estada de Ferro já conta com carros ventilados, especialmente construídos para o transporte de frutas, do quase nos temos servido, com vantagem, apesar de nem sempre serem em numero suficiente para as necessidades decorrentes do serviço.

O mesmo acontece com o embarque no caes. Não é modelar, mas satisfaz.

Já que estamos no caes, vamos até a Inglaterra. Que nos diz a respeito do transporte e dos navios?

O esforço até agora despendido, pelos organizadores e responsáveis por esses transportes, preenche, satisfatoriamente as necessidades.

Alguém disse que precisaríamos de navios especialmente construídos para o transporte exclusivo de frutas. Qual a sua opinião?

A não ser esses navios viessem a offerecer-nos uma oportunidade de redução de taxas no transporte, não vejo interesse de maior na sua existência, desde que não nos proporcionem essa vantagem, porque os que possuímos, como já disse, são suficientes.

Tenho em bom conceito a totalidade dos navios que tem transportado as frutas, succedendo porém, termos tido já a surpresa, bem desagradável de perdemos cerca de 50 de alguns carregamentos. Attribuo isto, ao mau funcionamento, occasional, das camaras frigoríficas.

Mas como se queixam de que a fruta chega avariada?

Como já referi, a causa vem dos próprios pomares, de onde os frutos sahem já affectados. Por isso não podemos responsabilisar os navios, pelos prejuízos. Os responsáveis , continuo a affirma-lo, somos nós os

exportadores, porque nos esquecemos, da necessidade de bem tratar os frutos para que eles consigam, ou tenham a resistência necessária à longa permanência a bordo, cães, etc.

Depois da chegada em Londres a fruta é logo desembarçada, ou permanece em frigorífico por algum tempo?

Não. Após a chegada é desembarçada e posta à venda.

Mas no próprio caes?

Algumas marcas, as que são acreditadas (em número limitado), são vendidas directamente, e portanto não soffrem qualquer demora.

O resto da fruta, ou seja a sua quase totalidade, é vendida em leilão aos revendedores, que lhe dão os mais variados destinos, já agora, por sua conta e risco.

Está então satisfeito, com a maneira porque é vendida a fruta em Londres?

Naturalmente estou, porque os commissarios fazem todos os esforços para conduzir os negócios da melhor forma e darem as melhores contas.

Sabemos até, que por concorrência, cada qual faz por conseguir o melhor; assim sendo, somos nós os beneficiados.

E se não houvesse esse interesse por parte dos commissários, como ficariam os negócios?

Os negócios, não, nós é que ficaríamos por conta... do Bonifacio.¹²⁵

Observa-se, com essa entrevista, um homem entendido naquilo que realizava. E que não tinha receio com as palavras para expor suas contestações, isso fica visível quando fala em relação ao Ministério da Agricultura, quando é questionado acerca dos primeiros inconvenientes que uma plantação de laranja sofre. Baroni diz que esse ministério prometeu métodos científicos para que os agricultores cuidassem melhor das suas safras, mas não cumpriu a promessa. Baroni faz elogios à fiscalização que ocorre no cais do porto e diz ser bem organizada, assim como observa que o transporte ferroviário era bom, mas poderia ser melhor. E, se mostra convencido de que as avarias ocorridas com as frutas, não são decorrentes do transporte de navio, que julga bom, mas da própria produção, diferente do que sugere o entrevistador. No final da entrevista, Baroni se mostra grato aos comerciantes ingleses pela compra da produção.

Assim, diante de exaustão e critérios rigorosos, a produção de Baroni e iguaçuana alcançava os mercados internacionais. Na entrevista, ele faz menção aos produtores que se arriscam no negócio, porém sem êxito, o que faz pensar nas dificuldades que se passava para que a produção ganhasse aceitação no mercado consumidor. Contudo, quando tudo parecia em contínuo progresso e quando as exportações no ano de 1939 alcançavam a casa de mais de dois milhões de caixas de laranja, um acontecimento de proporções mundiais estava levando o sonho de Baroni e

¹²⁵ Jornal Correio da Lavoura, Nova Iguaçu, 02/02/1933, 09/02/1933, 16/02/1933, 23/02/1933, 02/03/1933. Escrita da época na íntegra. Foi realizada uma seleção nas perguntas e respostas, devido a pouca quantidade de páginas que se dispõe nesse trabalho, contudo a entrevista completa se encontra localizada no arquivo do jornal.

dos outros exportadores a desmoronar, havia eclodido a Segunda Guerra Mundial. Era o fim da citricultura iguaçuana.

3.2 As laranjas doces azedam no fim

Justamente no momento em que a citricultura iguaçuana atingiu seu nível máximo, o acaso não quis que esse sucesso prosseguisse. Como analisou Iracema Baroni, “E quando a exportação de laranja no Brasil atingiu o máximo e os laranjais nunca haviam produzido tanto, aconteceu o inesperado imprevisito: a baixa cotação no preço que se observa principalmente no mercado de Londres”.¹²⁶ A autora explica ainda que as caixas passaram a ser vendidas por menos da metade do valor que comumente eram comercializadas. Fazendo com que muitos exportadores quebrassem, bem como seu pai. Logicamente, os prejuízos além de prejudicar aos grandes produtores levaram muitos pequenos produtores igualmente à perda do seu sustento.

Sobre essa fase do declínio da laranja Waldick Pereira observou que:

Alguns citricultores, compreendendo que chegara ao fim do ciclo da laranja, procuraram salvar seu capital enterrado nos pomares e nas chácaras. Muitos optaram pela transformação dos laranjais em loteamento que, para facilitar, eram vendidos a prestações. Outros acreditavam no ressurgimento do poder econômico e assim atravessaram os cruciantes anos pelos quais se arrastou a guerra, que finalmente, em 1945 chegou ao fim.¹²⁷

Um desses exportadores que acreditavam no ressurgimento do comércio de laranjas foi Francisco Baroni. A filha descreve que ele insistiu com fibra e esperança na citricultura, mesmo sofrendo a preocupação que a década de quarenta trazia. A exportação permaneceu, ainda que com esses prejuízos, o que a autora denomina de “especulação sem entranhas”¹²⁸. Entretanto, os produtores sentiam que teriam grandes perdas, devido à acumulação crescente de débitos. Era uma fase de perdas.

Iracema Baroni defende a hipótese de que mesmo antes da guerra a cotação da produção de laranja pelo mercado europeu já havia caído, dizendo que este desaparecera das negociações anteriormente ao conflito. Contudo, os pomares prosseguiram

¹²⁶ CARVALHO, Iracema Baroni de. *Laranjas Brasileiras*. Nova Iguaçu: SMCEL, 1999. p. 47.

¹²⁷ PEREIRA, Waldick. *Cana, Café e Laranja*. História Econômica de Nova Iguaçu. RJ: FGV/SEEC, 1977, p. 146.

¹²⁸ CARVALHO, Iracema Baroni de. *Laranjas Brasileiras*. Nova Iguaçu: SMCEL, 1999. p.49.

produzindo, gerando a sobra da produção. Naquele momento a fruta era oferecida por menor preço e em quantidade superior.

A produção que era voltada para a exportação se encontrou em situação de bloqueio com a interrupção do transporte marítimo, proveniente da Segunda Guerra Mundial. Mas, essa situação poderia ter sido evitada se existisse uma política de consumo interno que fosse capaz de absorver a produção naquele momento. A causa desse declínio, como analisa Manoel Ricardo Simões, já deveria ser prevista. No tocante à grande dependência do mercado externo para a obtenção dos lucros, que muitas vezes dependiam de uma política de subsídios e incentivos fiscais que fazia com que a laranja do Brasil se tornasse barata no exterior. A situação se agravava, pela baixa de preços da produção exportada para a Argentina, devido à grande oferta do produto. Segundo a análise de Sonali Maria de Souza:

O apodrecimento das frutas nos pés, o abandono relativo dos trabalhos de limpeza dos pomares, levou à proliferação de pragas como a “mosca do Mediterrâneo”, que nas versões locais sobre esse período é representada como o agente personificador de destruição e derrocada da citricultura. Assim, se em 1939, ano de maior produção comercial, o município produziu 2.111.618 caixas, das quais um pouco mais da metade era destinada à exportação, em 1941 a produção caiu para 1.554.644 caixas, das quais 888.844 para exportação e 665.800 para o mercado interno.¹²⁹

Com a problemática do declínio da citricultura iguaçuana, o governo municipal, sob o mandato do prefeito Paulino de Souza Barbosa, tenta intervir criando o “Dia da Laranja”, no dia 22 de setembro de 1946. Contudo nada os levaria de volta ao sucesso perdido do comércio laranjeiro. Os produtores apelavam através da imprensa às autoridades municipais, estaduais e federais, para que providências fossem tomadas no que diz respeito às pragas, contudo todo trabalho era em vão. A situação da citricultura se agravava cada vez mais, e o município se encontrava sem consolo. Apenas apareciam promessas que não eram cumpridas, “[...] os governos, a cada apelo, respondia com promessas que não chegavam a se concretizar, nem mesmo a de reinício das exportações de laranja, anunciado pelo Ministro da Agricultura”.¹³⁰

Assim, o sabor das doces laranjas iguaçuanas começa a ficar azedo nas bocas dos produtores. O fim desse comércio havia realmente chegado. Naquele momento a cidade de Nova Iguaçu, iniciaria uma nova fase, com novos contornos geográficos e novos atores sociais. A partir de 1939, o município entra em processo de urbanização e

¹²⁹ SOUZA, Sonali Maria de. *Da Laranja ao Lote*. Transformações Sociais em Nova Iguaçu. RJ: Dissertação de Mestrado pelo Museu Nacional, 1992. p. 74-75.

¹³⁰ PEREIRA, Waldick. *Cana, Café e Laranja*. História Econômica de Nova Iguaçu. RJ: FGV/SEEC, 1977, p. 150.

as chácaras produtoras de laranjas entram na era da especulação imobiliária. “A elite local terá de se readaptar as transformações econômicas e migrar para outras atividades econômicas, não ligadas as atividades agrícolas, que será praticamente extinta do município numa velocidade impressionante”.¹³¹

Francisco Baroni seguiu se sustentando com os recursos que havia adquirido com a laranja e com as casas comerciais que, por sorte ou precaução, nunca deixou de investir. Ao ser questionada, sobre como ele reagiu com o fim da citricultura, Dona Euridice deixa isso claro: “Depois acabou a laranja ficou com os negócios pequenos dele, serraria. Tinha diversos, propriedades, tudo isso”.¹³² Sobre a questão da venda das terras de Baroni, ao ser indagada se ele desfez-se de muitas propriedades, ela diz: “Ah muita coisa. Sítios, ele vendia. Ele negociava com gado também”.¹³³ Era o revés da história de lutas do imigrante que virou o “Rei da Laranja”.¹³⁴ De acordo com a filha de Baroni:

Os mercados desses países amigos devem até hoje, aos nossos exportadores os últimos embarques de laranja por eles solicitada. E, isso, antes de declarada a Segunda Grande Guerra Mundial. O “Rei da Laranja” sofre a consequência maior, saldando dívidas provocadas pela desonestidade dos outros, que covardemente acobertaram-se na desculpa da guerra, e esta não teve nada a ver com a mercadoria já recebida e explorada. E encontra-se “congelado” o dinheiro de muitos suores e labores daquele que jamais prejudicou a alguém.¹³⁵

Em tom de revolta, a “princesa da laranja”, desabafa sobre as últimas transações comerciais da laranja que não foram concretizadas. Baroni, para saldar suas dívidas solicita a concordata¹³⁶. Foi oferecido a ele o prazo de dois anos para a quitação das dívidas, contudo ele o fez em quarenta dias.

Para tanto, vendera as suas propriedades e ninguém fora prejudicado. A vultosa quantia havia sido saldada. Baroni ficara pobre, mas seu honrado nome não só ficara incólume mas projetado com uma maior aureola de honestidade. E o seu fecundo labor continuou, enquanto suas forças permitiram, e sob as graças de Deus.¹³⁷

¹³¹ SIMÕES, Manoel Ricardo. Ambiente e sociedade na Baixada Fluminense. Mesquita, RJ: Editora Entorno, 2011. p. 143.

¹³² Entrevista realizada com a nora de Francisco Baroni, Dona Euridice Soares Baroni. Concedida a autora – Rio de Janeiro, 01/08/2013.

¹³³ Entrevista realizada com a nora de Francisco Baroni, Dona Euridice Soares Baroni. Concedida a autora – Rio de Janeiro, 01/08/2013.

¹³⁴ Entrevista realizada com a filha de Francisco Baroni, Dona Iracema Baroni. Concedida a autora – Rio de Janeiro, 09/08/2013.

¹³⁵ Informações retiradas de resumos escritos pela filha Iracema Baroni, provavelmente destinadas à confecção das suas obras.

¹³⁶ O recurso jurídico que possibilita a continuação do comércio de determinada empresa (incapaz de pagar suas dívidas nos prazos contratuais) é denominado concordata. Fonte, link: <http://www.infoescola.com/direito/falencia-e-concordata/>

¹³⁷ CARVALHO, Iracema Baroni de. *Laranjas Brasileiras*. Nova Iguaçu: SMCEL, 1999. p.49.

Assim, a função de exportador de Baroni havia alcançado o fim. A citricultura passara pela sua vida de forma intensa, porém efêmera. Tudo o que ele havia investido, daquele momento em diante ficaria apenas na memória, pois a década de quarenta havia levado a sua criatividade e nada poderia ser feito quanto a isso. Contudo, a lembrança de homem batalhador que correu em direção ao impossível, ficou solidamente marcada na cidade de Nova Iguaçu. Um homem amado pela família, até os dias atuais:

Ele deixou no coração de todos os netos um exemplo maravilhoso, do bom caráter, do sonhador, do realizador e que se esmera para trabalhar e realizar e repartir. Eu não vejo no vovô um ancestral preocupado em deixar fortuna material, mas sim de uma personalidade maravilhosa que ele teve e que contagiava Nova Iguaçu. Dessa grandeza que esses homens trouxeram, viveram um época maravilhosa que a gente não vê hoje.

Ele faleceu, eu tinha 10 anos, me lembro como se fosse hoje, o comércio fechou.

Ele almoçava de terno e gravata, não tirava a gravata para almoçar.¹³⁸

Francisco Baroni morre devido a um infarto, em 02/05/1955, aos 71 anos. Deixando oito filhos e uma história digna de ser biografada.

¹³⁸ Entrevista realizada com a neta de Francisco Baroni, Sonia Baroni. Concedida a autora – Rio de Janeiro, 09/08/2013.

Considerações Finais

Margareth Rago, numa elaboração biográfica, explicou que se deve “correr para preservar o passado do esquecimento”¹³⁹ e, para isso, deve-se realizar entrevistas. Nas entrevistas que realizei para a elaboração desse trabalho foi possível manter contato com uma Nova Iguaçu distinta daquela visualiza na atualidade. Uma cidade acolhedora, que foi palco do sucesso intenso, porém efêmero da citricultura fluminense. Entre seus personagens, Francisco Baroni.

Percebemos que as vidas de Baroni e seu pai foram, em grande medida resultado da crise do capitalismo italiano do século XIX. A região da Calábria, de onde vieram, se localiza na região sul do país, a que mais sofreu com a crise da época. Unido a isso estava o incentivo do governo brasileiro para a entrada de imigrantes europeus para o desenvolvimento da agricultura nacional. Esses dois aspectos foram centrais para a transferência de território de Guiseppe Baroni e seu filho Francisco Baroni.

Em terras brasileiras pai e filho lutaram por uma vida mais digna. Francisco após trabalhar na confecção de lenha para carvão consegue estabelecer comercio na, então Maxambomba. Posteriormente, trabalhou como funcionário, já no ramo da citricultura. E, como a exportação de laranjas era o negócio mais lucrativo daquela conjuntura, ele faz a sua primeira exportação, ainda de forma rudimentar em 1922. Seja por incentivos fiscais do governo, pela qualidade das laranjas ou pelo grande mercado consumidor o produto fazia sucesso no exterior. E, após exportar para a Argentina, Baroni passa a exportar para a Europa. É nesse tipo de comércio, mais especificamente com a Inglaterra, que observamos os maiores lucros desse imigrante italiano.

Na década de trinta, no auge da sua prosperidade econômica, o biografado participa veementemente das atividades sócias da cidade, promovendo banquetes em seu casarão para personalidades ilustres e fazendo presença nas associações beneficentes locais. É diante disso que recebe título de “cidadão iguaçuano”, devido aos “benefícios” naquela cidade. Entre os eventos sociais promovidos por ele, mereceu destaque a inauguração, em 1936, da sua segunda casa de beneficiamento de laranja, ou “Packing House” como era conhecido. Naquela ocasião o banquete foi servido no próprio Sport Club e contou com a presença do Ministro da Agricultura, Odilon Braga.

¹³⁹ RAGO, Margareth. *Audácia de sonhar: memória e subjetividade em Luce Fabri*. Revista da Associação Brasileira de História Oral, 5, 2002, p. 31.

Contudo, o declínio da citricultura trouxe a decadência de Francisco. Era declarada a Segunda Guerra Mundial e o mundo voltava a sua atenção para os desastres do conflito, paralisando a exportação.

Ainda que Baroni tenha tentado persistir, o golpe de misericórdia havia sido dado e os lucros com a exportação de laranjas haviam encerrado. Era o fim do império do “rei da laranja”.

O trabalho biográfico na atualidade está preocupado com as conjunturas histórico-sociais nas quais o sujeito em análise está inserido. Nesse caso, a história da vida de Baroni, foi abordada a forma entrelaçada com questões como, imigração italiana no Rio de Janeiro, os tipos de trabalhos no início do século XX e como o movimento da citricultura, desde a sua gênese até o seu último fôlego. Assim, o leitor pode ter contato, com diversas questões relacionadas a uma Nova Iguaçu do início do século XX, que estava em constante movimento na paisagem social. Da mesma forma que acompanhou a trajetória de um indivíduo que, por um lado, sofreu as consequências da crise que assolou a Itália no século XIX, e, por outro, soube aproveitar as oportunidades colocadas no contexto da Baixada Fluminense das primeiras décadas do século XX.

Este estudo buscou superar, parcialmente, algumas lacunas identificadas na historiografia e, em especial, as que se referem à memória sobre o período da citricultura no município. Essa memória, confrontada com a escassa bibliografia existente e com os dados levantados a partir da pesquisa em fontes primárias, nos permitiu uma aproximação com a sociedade investigada: a Iguaçu dos grandes laranjais, como vimos muito distante da visão que é difundida na atualidade, aquela que enxerga Nova Iguaçu como mera “cidade dormitório”. As novas gerações têm o direito de ter acesso à história de sua região, por isso a relevância social deste trabalho e de muitos outros que tragam à tona períodos e processos ainda silenciados, criando, assim, uma relação distinta dos atuais habitantes de Nova Iguaçu com o local onde vivem. Lugar que, embora não seja amado, que a sua história seja reconhecida, ao menos.

Fontes

Documental:

Relatório de Presidente da Província do Rio de Janeiro, disponível através do link:

http://www.crl.edu/brazil/provincial/rio_de_janeiro

História Oral:

Entrevista realizada com a nora de Francisco Baroni, Dona Euridice Soares Baroni.

Concedida a autora – Rio de Janeiro, 01/08/2013.

Entrevista realizada com a filha de Francisco Baroni, Iracema Baroni de Carvalho.

Concedida a autora – Rio de Janeiro, 09/08/2013.

Entrevista realizada com a neta de Francisco Baroni, Sonia Baroni. Concedida a autora

– Rio de Janeiro, 09/08/2013.

Entrevista realizada com a sobrinha-neta de Francisco Baroni, Katia Baroni. Concedida

a autora – Rio de Janeiro, 21/10/2012.

Arquivo íntimo da Família:

Resumos escritos pela filha de Francisco Baroni, Iracema Baroni.

Periódicos

Jornal Correio da lavoura, Nova Iguaçu, 02/02/1933.

Jornal Correio da lavoura, Nova Iguaçu, 09/02/1933.

Jornal Correio da lavoura, Nova Iguaçu, 16/02/1933.

Jornal Correio da lavoura, Nova Iguaçu, 23/02/1933.

Jornal Correio da lavoura, Nova Iguaçu, 02/03/1933.

Jornal: Correio de Maxambomba, Nova Iguaçu, 07/10/1956.

Bibliografia

ALBERTI, Verena. *Indivíduo e biografia na história oral*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000.

BARROS, José D'Assunção. *O Projeto de Pesquisa em História: Da escolha do tema ao quadro teórico*. 5 ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO Janaína. *Usos e Abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1998.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Os Métodos da História: Introdução aos problemas, métodos e técnicas de história demográfica, econômica e social*. 5 ed. Graal.

CARVALHO, Iracema Baroni de. *Saudades de Nova Iguaçu*. Folha Carioca Editora, Rio de Janeiro – Nova Iguaçu, 1987, PP. 9-33

_____. *Laranjas Brasileiras*. Nova Iguaçu: SMCEL, 1999.

_____. *Nova Iguaçu, minha terra*. Nova Iguaçu, 2007.

DELGADO, Andrea Ferreira. *A Invenção de Cora Coralina na batalha das memórias*. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Doutorado em História. UNICAMP, 2003.

FERREIRA, Marieta Moraes. *História, tempo presente e história oral*. TOPOI. UFF. 2007.

FRANÇA, Francisco M. *Conselhos práticos para a cultura de laranja*. RJ, 1936. Disponível no acervo da Biblioteca Nacional no setor de iconografia.

FRANZINA, Emilio, 1948 - *A grande emigração: o êxodo dos italianos do Venêto para o Brasil*; tradução Edilene Toledo e Luigi Biondi. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

GOUBERT, Pierre. *Local History*. IN; *Historical Studies Today*. Ed. By Felix Gilbert and Stephen R. Graubard. N.Y. 1972.

- GWYN, Prins. *História Oral. A escrita da história*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.
- HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914/1991*; tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: Burke, Peter. (Org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.
- LINHARES, Maria Yedda; SILVA, Francisco Teixeira da. *Região e História Agrária*. 1995.
- MAUSS, Marcel. “Une catégorie de l'esprit humain: la notion de personne celle de ‘moi’.” In: *Sociologie et Anthropologie*. Paris: PUF (Quadrige), 1985.
- MENDONÇA, Sonia Regina. Mundo rural, intelectuais e organização da cultura no Brasil: o caso da Sociedade Nacional de Agricultura. *Mundo Agrario. Revista de estudos rurales*, n. 1. Segundo semestre, 2000.
- MOTTA, Marly Silva da. O relato biográfico como fonte para a história. *Vidya, Santa Maria (RS)*, nº 34, jul./dez. 2000.
- PEREIRA, Waldick. *Cana, Café e Laranja. História Econômica de Nova Iguaçu*. RJ: FGV/SEEC, 1977.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol 2, n. 3, 1989.
- RAGO, Margareth. *Audácia de sonhar: memória e subjetividade em Luce Fabri*. *Revista da Associação Brasileira de História Oral*, 5, 2002.
- REVEL, Jacques. “Microanálise e construção do social”. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escala A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo Biografias. Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. Revista Estudos Históricos, Vol. 10, No 19, 1997.

_____. *O patriarca e o tribuno: caminhos, encruzilhadas, viagens e pontes de dois líderes socialistas – Francisco Xavier da Costa (187?-1934) e Carlos Cavaco (1878-1961)*. Campinas, SP. 2002.

_____. História e Biografia. In: Cardoso, Ciro Flamarion. Vainfas, Ronaldo. (Org). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

SILVA, Helio. Os Presidentes: Nilo Peçanha 1909-1910. São Paulo: Grupo de Comunicação Três. 1983.

SIMÕES, Manoel Ricardo. Ambiente e sociedade na Baixada Fluminense. Mesquita, RJ: Editora Entorno, 2011.

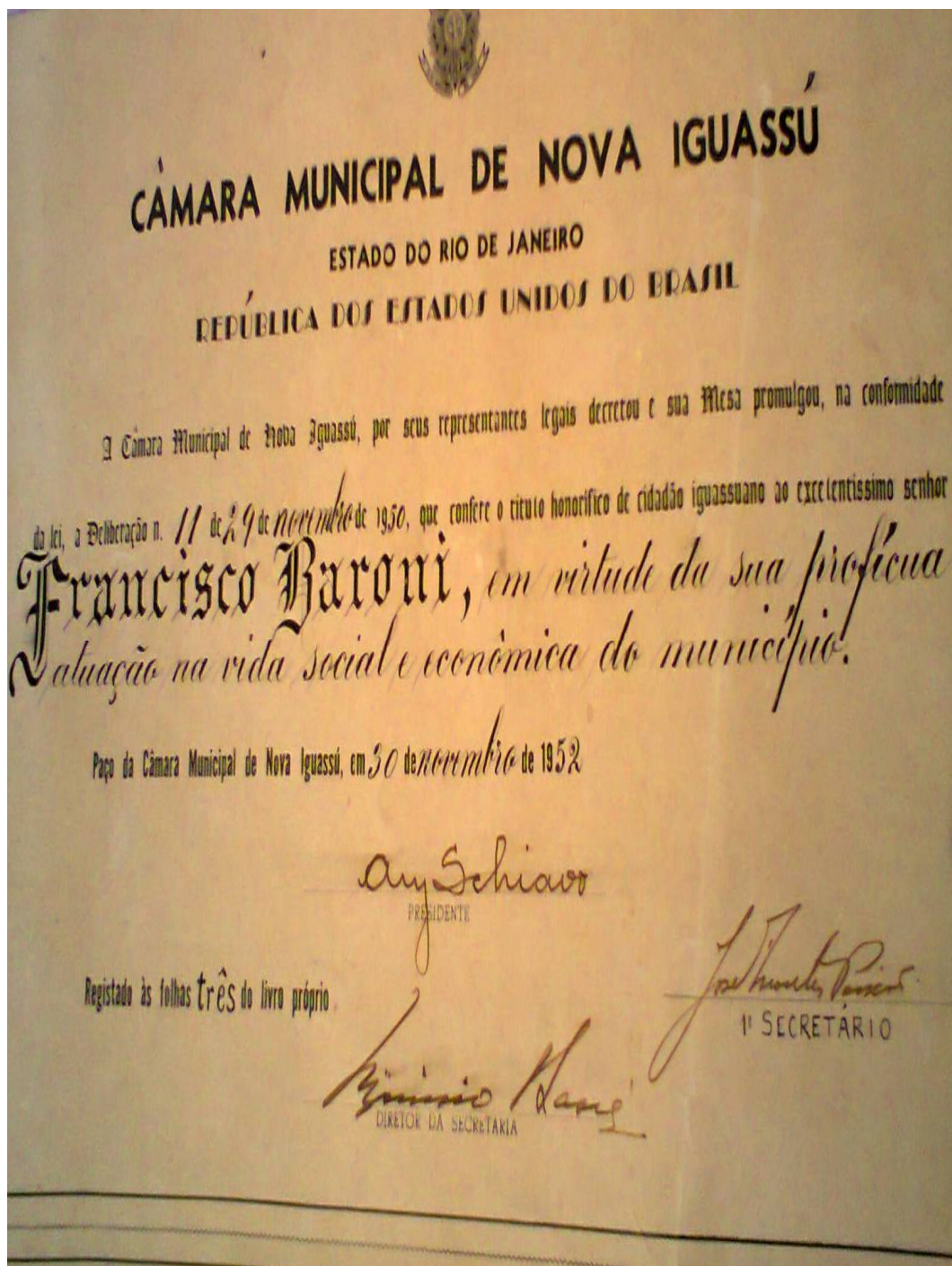
SOUZA, Sonali Maria de. *Da Laranja ao Lote*. Transformações Sociais em Nova Iguaçu. RJ: Dissertação de Mestrado pelo Museu Nacional, 1992.

VANNI, Julio Cezar. Italianos no Rio de Janeiro: a história do desenvolvimento do Brasil partindo da influência dos italianos na capital do Império. Niterói, RJ: Editora Comunità, 2000.

VELHO, Gilberto. 1994. “Trajetória individual e campo de possibilidades”. In: Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

ANEXO I

Diploma de cidadão iguassuano, recebido por Franciso Baroni, em 30/11/1952.



ANEXO II

Rótulo da firma de exportação de Francisco Baroni.

